



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VALCÊMIA FREIRE MONTEIRO

**A PRÁTICA DOCENTE: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ENSINO REMOTO
NAS DISCIPLINAS DE ARTES E ESTÁGIO SUPERVISIONADO III (EDUCAÇÃO
INFANTIL)**

CAMPINA GRANDE

2022

VALCÊMIA FREIRE MONTEIRO

**A PRÁTICA DOCENTE: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ENSINO REMOTO
NAS DISCIPLINAS DE ARTES E ESTÁGIO SUPERVISIONADO III (EDUCAÇÃO
INFANTIL)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valdecy Margarida da Silva

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M775p Monteiro, Valcêmia Freire.

A prática docente [manuscrito] : experiências vivenciadas no ensino remoto nas disciplinas de artes e estágio supervisionado III (educação infantil) / Valcêmia Freire Monteiro. - 2022.

64 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Ensino remoto. 2. Literatura infantil. 3. Educação. 4.
Prática docente. I. Título

21. ed. CDD 371.12

VALCÊMIA FREIRE MONTEIRO

**A PRÁTICA DOCENTE: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ENSINO
REMOTO NAS DISCIPLINAS DE ARTES E ESTÁGIO SUPERVISIONADO III
(EDUCAÇÃO INFANTIL)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

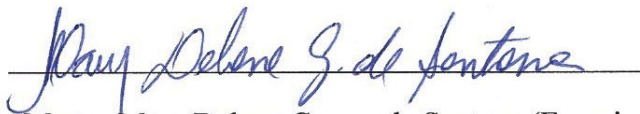
Aprovada em: 19/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



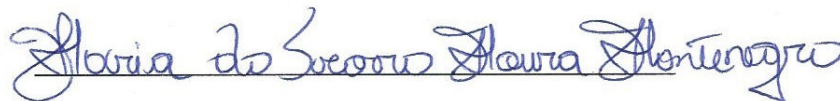
Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva - (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Mestre Mary Delane Gomes de Santana (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho a todos os professores apaixonados pela literatura, que através de suas práticas incentivam crianças e jovens a terem uma vida menos artificial, pois a literatura nos aproxima da realidade, da nossa realidade, ensinando-nos a ter inteligência mais ativa e ideias próprias conduzindo-nos para uma formação significativa do imaginário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me auxiliaram e me encorajaram para o término dessa jornada. Primeiramente a Deus, que me conduz constantemente e tem derramado inúmeras bênçãos em minha alma.

À minha mãe, Maria Cícera Freire, que já se encontra em outro plano, que sempre me encorajou a ter a firmeza de uma rocha, a criatividade e a leveza de uma fada para enfrentar os desafios cotidianos. Meu maior exemplo de vida.

À minha orientadora, professora Dra. Valdecy Margarida da Silva, pela confiança e respeito com o meu trabalho. Minha gratidão pelas valiosas dicas.

Às coordenadoras do Curso de Pedagogia, Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro e Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, pelo carinho, apoio e comprometimento.

À professora Dra. Ruth Barbosa, por ter partilhado conosco suas experiências, certezas e incertezas.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pela sua existência e por mais uma oportunidade.

Aos colegas e professores do Curso de Pedagogia da UEPB, companheiros dessa longa jornada.

RESUMO

Refletir acerca da literatura para o desenvolvimento cognitivo das crianças é uma tarefa essencial. O contexto da pandemia nos conduziu para nos adaptarmos à realidade do Ensino Remoto, no qual docentes e discentes tiveram que fazer uso dos recursos digitais para dar continuidade ao trabalho pedagógico. Nessa perspectiva, nossa pesquisa tem como objetivo geral propor alternativas para trabalhar a literatura infantil com crianças da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, no contexto virtual. Nosso *corpus* foi formado a partir da produção de vídeos curtos baseados em obras literárias, além de vídeos com histórias criadas pelas próprias alunas. Diante disso, essa pesquisa evidenciou experiências com a literatura infantil, que foram vivenciadas nas disciplinas de Artes e Estágio Supervisionado III- Educação Infantil, com alunas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, para serem trabalhadas futuramente com crianças. Como as crianças apresentam suas próprias especificidades, acreditamos que uma formação literária nessa etapa irá contribuir para despertar a sensibilidade e criatividade das crianças.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Literatura infantil; Educação.

ABSTRACT

Reflecting on the literature for children's cognitive development is an essential task. The context of the pandemic led us to adapt to the reality of Remote Teaching, in which teachers and students had to make use of digital resources to continue the pedagogical work. From this perspective, our research has the general objective of proposing alternatives to work with children's literature with children from Early Childhood Education and early grades of Elementary School, in the virtual context. Our corpus was formed from the production of short videos based on literary works, as well as videos with stories created by the students themselves. Therefore, this research evidenced experiences with children's literature, which were experienced in the disciplines of Arts and Supervised Internship III - Early Childhood Education, with students of the Pedagogy course at the Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, to be worked with children in the future. As children present their own specificities, we believe that a literary training at this stage will contribute to awakening the sensitivity and creativity of the children.

Keywords: Remote Teaching; Children's literature; Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	SOBRE O ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA:DESAFIOS E SUPERAÇÕES.....	12
2.1	Ensino remoto: o desafio das desigualdades e a luta para garantir um ensino de qualidade.....	12
2.1.1	Ensino Remoto Emergencial (ERE) e Educação A Distância (EAD).....	17
2.1.2	Práticas pedagógicas no ensino remoto.....	20
2.1.2.1	O ensino remoto na concepção de professores e alunos.....	22
2.1.2.1.1	A formação de professores em tempos de ensino remoto.....	24
3	O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL: REPENSAR E REINVENTAR.....	29
3.1	A literatura e seu poder educativo.....	31
3.1.1	A literatura infantil no contexto das tecnologias: desafios e esperanças... 33	
4	UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA CRIANÇAS EM CONTEXTO VIRTUAL PRODUZIDA POR ALUNAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA.....	37
4.1	Atividades vivenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado III- Educação Infantil.....	38
4.1.1	Atividades vivenciadas na disciplina de artes.....	44
4.1.2	“O Girassol”, de Vinicius de Moraes e as múltiplas linguagens infantis.. 45	
4.1.2.1	“O mistério da floresta”, de RR: a representação da Sombra na literatura infantil.....	47
4.1.2.1.1	“A dura vida do gato miau”, de AS: o cotidiano das crianças.....	50
4.1.2.1.2	“A tartaruga que queria voar”: reflexões sobre o desapego.....	53
4.1.2.1.3	“João Preguiçoso”: a moral e a formação da criança.....	55
5	CONCLUSÃO.....	60
	REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

Nesse momento de pandemia que ainda resiste em nosso cotidiano, a literatura ainda é um instrumento que alivia e auxilia o nosso processo de reflexão interior. Nessa crise, a leitura é e continua sendo uma alternativa valiosa para conservarmos nossa sanidade mental, amenizando as aflições de um momento instável e caótico, sendo um meio transformador e libertador, nos proporcionando a motivação necessária para voltarmos a imaginar e reencontrar a alegria de viver. Nessa perspectiva, a leitura e em especial a literatura, é de valiosa importância para o desenvolvimento intelectual e sociocultural do indivíduo.

Zilberman (2008) afirma que a leitura do texto literário permite o ser humano entrar no campo da alteridade, sem perder a sua subjetividade e história, pois o leitor é capaz de expandir as fronteiras do desconhecido através do seu intelecto, sem perder sua própria essência. Por ter essa capacidade de fazer com que o leitor expanda seus horizontes, o valor utilitário da leitura não pode ser resumido ao pretexto de realizar atividades escolares. Kleiman (2013) já alerta para esse equívoco, a partir do momento que o professor exige uma leitura com o objetivo de resolver exercícios que na maioria das vezes estão descontextualizados do real objetivo do texto. Esse erro faz com que o aluno pense que a leitura é conduzida com o pretexto de realizar atividades sobre o texto ou aprender gramática. Assim, a leitura se tornou uma atividade cansativa e enfadonha, sempre realizada por obrigação para atender as demandas complexas da vida cotidiana. Na realidade, a leitura é “uma prática social que remete a outros textos e outras leituras” (KLEIMAN,2013, p.13). Sendo uma prática social, o ato de ler mobiliza uma série de crenças, valores, atitudes, além de expandir o horizonte de expectativas do leitor, a partir do momento que ele se depara com uma informação nova, desafiadora e relevante.

Apesar da importância da literatura na formação intelectual, ética e humana do indivíduo, não podemos esquecer que o acesso das pessoas à Internet, incluindo as redes sociais e o aplicativo de mensagens *Whatsapp* fizeram com que os textos literários perdessem sua importância, pois o tempo dedicado a leitura de um livro, na maioria das vezes é substituído pelo tempo gasto no *Smartphone* para desempenhar inúmeras tarefas. Mas também não podemos deixar de considerar que a internet oportunizou o acesso a textos de diferentes gêneros literários, além de E-books e facilidades de visitas a bibliotecas que disponibilizam diversos exemplares que podem ser lidos a qualquer hora, utilizando diferentes aparelhos. Isso reflete no poder humanizador da literatura, que não pode ser considerada um instrumento de um grupo seletivo de pessoas e sim um direito de todos.

Representar a realidade, desfrutar das sensações escritas pelo autor, permitindo ao leitor atribuir uma variedade de sentidos aos textos lidos, além de ser fonte de conhecimento, inspiração e humanização, são elementos que justificam a realização de uma proposta de leitura para crianças, produzida pelas alunas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, das disciplinas de Artes, ministrada pela professora doutora Ruth Barbosa e Estágio Supervisionado III- Educação Infantil, ministrada pela professora doutora Soraya Maria Barros de Almeida Brandão. As propostas foram produzidas remotamente através da plataforma do *Google Classroom* e do aplicativo *Whatsapp* para serem aplicadas futuramente para as crianças da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. A motivação para a realização dessa pesquisa se deu pela tentativa de descrever soluções para atender aos desafios e inquietações vivenciadas pela maioria dos professores em ensino remoto no contexto da pandemia causada pela COVID-19. Embora tenha existido uma grande proliferação de produções científicas nesse período, ainda temos a necessidade de entender essa temática e realizar estudos mais aprofundados. Por essa razão, as “pesquisas desenvolvidas no aspecto de analisar e discutir a produção acadêmica de determinada área do conhecimento, em um dado intervalo de tempo são chamadas de ‘Estados da Arte’ (JÚNIOR, 2020, p.16)”.

A definição de Estado da Arte nas palavras de Haddad (2002) apud Júnior (2020, p. 16-17), trata-se de um estudo que permite “...sistematizar um determinado campo do conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura”. Noutras palavras, entendemos que a pesquisa intitulada “Estado da Arte” fornecerá subsídios para a compreensão da problemática que envolve o Ensino Remoto, pois a necessidade de utilização dessa metodologia remete para o contexto da suspensão das aulas presenciais motivada pela pandemia.

Com relação à estratégia metodológica realizada para essa pesquisa devemos ressaltar que a mesma não compreende um roteiro pré-estabelecido, em que as etapas já tenham sido definidas previamente, uma vez que nos deparamos com um contexto já em movimento e na medida em que as aulas e as situações eram vivenciadas, nós íamos coletando os dados e informações a fim de acompanhar o trajeto da pesquisa. Optamos pela abordagem qualitativa por considerar a manifestação de diferentes tipos de sujeitos, cada um com seu modo de pensar, agir e elaborar atividades diferenciadas para atender ao objeto de estudo a ser analisado. A pesquisa qualitativa de acordo com Creswell (2014, p. 49-50) apud Júnior (2020), “começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/teóricas que informam

o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano”. Por ser uma abordagem qualitativa, não nos resumimos apenas à observação, uma vez que os sujeitos que fizeram parte da pesquisa possuem opiniões, sentimentos e angústias diferenciadas acerca da maneira que vivenciam esse cenário remoto em seu processo formativo. A partir das atividades realizadas, acreditamos que os sujeitos da pesquisa desenvolverão novos paradigmas e referenciais que nortearão sua prática profissional.

O *corpus* que deu origem a nossa pesquisa foi elaborado nas disciplinas de Artes e Estágio Supervisionado III- Educação Infantil. Nessas disciplinas foram produzidos vídeos curtos, baseados em obras literárias, como também vídeos produzidos a partir de histórias criadas pelas próprias alunas: “O Girassol”, de Vinicius de Moraes, “João Preguiçoso”, de Tony Ross, “A menina e a estrela”, de Beatriz Veloso Alves, “A dura vida do gato miiau”, de AS (aluna de Pedagogia), “O mistério da floresta”, de RR (aluna de pedagogia), “A tartaruga que queria voar” (autor desconhecido) e “O chá da dona Lalá”, de Lucia Hiratuka. Na impossibilidade de realizar as atividades em ensino presencial, realizamos em contexto remoto a partir de lives durante as aulas das disciplinas citadas, que foram apresentadas para a turma conforme a RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE Nº 32/2009 e da RESOLUÇÃO//UEPB/CONSEPE Nº 229/2020, que regulamentam as atividades acadêmicas remotas durante o período da pandemia causada pela doença COVID-19.

Para a elaboração dos vídeos foram utilizadas estratégias como: contações de histórias, narrativas orais (oratura), encenações e leitura de poemas. Nessas atividades foram utilizados recursos como desenhos, recortes, confecções de objetos com papel, EVA, montagem de cenários e histórias utilizando a sombra, através da luz de lanterna ou vela. As atividades de leitura foram trabalhadas de forma artística e criativa, sendo pensadas com o intuito de obter a atenção das crianças por mais tempo em frente a um computador, tablet ou celular.

Dessa forma, nossa pesquisa tem como objetivo geral propor alternativas para trabalhar a literatura infantil com crianças da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, no contexto virtual. Nossos objetivos específicos foram: criar um ambiente virtual agradável para a introdução da leitura; favorecer o contato com a literatura muito antes da alfabetização e permitir a criança o processo de aprendizagem e formação do imaginário em ambiente virtual.

Diante do exposto, nosso Trabalho de Conclusão de Curso será dividido em três capítulos: o primeiro abordará o ensino remoto de forma geral, evidenciando os desafios dos

professores para realizar as atividades em um cenário de intensas desigualdades econômicas e educacionais, a diferença entre Ensino Remoto e Educação a Distância, como está sendo a prática pedagógica no ensino Remoto, as concepções de alunos e professores que vivenciam essa prática e quais os entraves provocados pelo ensino remoto nos cursos de formação de professores. Para desenvolvermos esse capítulo nos baseamos nos referenciais teóricos de Araújo e Fahad (2020), Cunha (2020), Farias (2020), Júnior (2020), Leite e Leite (2020), Moraes (2020), Moura (2020) e Farias (2020).

O segundo capítulo irá focar o papel da literatura infantil na escola. Como sabemos, a literatura possibilita um diálogo com a humanidade possibilitando a construção de conhecimentos, troca de saberes, experiências, crenças e valores provenientes de culturas e sociedades. Nesse capítulo, destacaremos propostas para se trabalhar a literatura infantil de forma prazerosa e instigante na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental a partir das concepções teóricas de Silva e Paulinelli (2018), Zilberman (1995) e (1998), como também de Monteiro, Silva e Medeiros (2020), que forneceram dicas valiosas e apresentaram propostas para serem vivenciadas através do ambiente virtual oferecendo estratégias estimulantes que conduzam as crianças para a construção de saberes.

Por fim, o terceiro capítulo irá descrever as experiências vivenciadas pelas alunas das disciplinas de Artes e Estágio Supervisionado III- Educação Infantil, analisando os vídeos acima citados como uma proposta a ser trabalhada futuramente com as crianças. Esse capítulo mostrará que a articulação da leitura literária com a produção de vídeos, que explorem essa temática a partir de boas ideias e criatividade, poderá ser uma alternativa viável e contribuir para o aprendizado da leitura das crianças. Para construirmos esse capítulo nos baseamos nas concepções de Carvalho e Fochi (2016), Fochi (2015), Jung (1980), Martins Filho e Altino José (2013), Pereira (2021), Piaget (2007), Silva, Lopes e Oliveira (2018) e Souza (2007), os quais nos possibilitaram compreender que a literatura é um instrumento capaz de provocar aprendizado e deleite, por preparar a criança para as experiências e contradições que fazem parte da vida social.

2 SOBRE O ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA: DESAFIOS E SUPERAÇÕES

2.1 Ensino remoto: o desafio das desigualdades e a luta para garantir um ensino de qualidade

A infecção respiratória denominada COVID-19 “originou-se na China em dezembro de 2019, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS), a declarar em janeiro de 2020, emergência de Saúde Pública de importância Internacional (ESPII)” (CUNHA, 2020, p.28). Não era esperado que no ano de 2020 o mundo passaria por uma situação inusitada de uma pandemia provocada por um vírus denominado COVID-19 que obrigaria as pessoas a praticarem o isolamento social, o que resultou em grandes mudanças da vida cotidiana. A Academia das ciências de Lisboa, 2020 apud Leite e Leite (2020, p. 59) identifica a sigla COVID-19 como “uma síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Do acrônimo inglês coronavírus *disease*, a origem do vocábulo provém de ‘co’ (corona), aludindo a forma de coroa solar do vírus ‘vi’, que corresponde à palavra vírus e ‘d’ de *disease* (doença) em inglês”. A primeira vez que o vírus foi detectado em humanos foi no ano de 2019, por essa razão o nome COVID-19.

Parafraseando Araújo e Fahad (2020), em 30 de janeiro de 2020, a OMS emitiu um alerta de saúde pública de abrangência internacional e em 11 de março, a situação foi reconhecida oficialmente como uma pandemia, devido à velocidade que o vírus se propagava. As profundas transformações afetaram o dia-a-dia das pessoas que tiveram a necessidade de ficar em quarentena, usar máscara, álcool para higienizar as mãos de forma contínua, deixar de visitar entes queridos, manter o distanciamento social, deixar de frequentar lugares públicos, sair de casa apenas em casos de extrema necessidade, tomar medidas para tentar proteger os familiares, modificar toda a rotina de passeios, viagens, finais de semana, interromper a visita a restaurantes, bares, parques, cinemas, teatros, praias e outros locais que antes faziam parte da vida de qualquer indivíduo. Com isso, vieram incertezas e perdas repentinas, tanto causadas pelas mortes em massa, como pela perda da estabilidade financeira e profissional. Muitos entes queridos se foram, não houve limites de idade ou classe social. Os iludidos que achavam que era apenas uma “gripe passageira” viram as dificuldades se propagarem tornando-se avassaladoras.

A pandemia agravou drasticamente as desigualdades no Brasil, que já eram evidentes, contribuindo para a falta de esperança em dias melhores. O fechamento de pequenas

empresas, a crescente redução de postos de trabalho, o agravamento da miséria, o aumento de pessoas em situação de rua, a fome e a incerteza provocam indignação. O desânimo, o medo e o desespero daqueles que continuam a trabalhar se arriscando ao contágio diante de uma situação atípica, provocou abalos psicológicos dos mais variados e além disso, milhares de pessoas continuam se questionando se essa situação passará ou irá surgir novas variantes do vírus o que contribuirá para a instabilidade e uma total falta de controle.

A partir da medida de isolamento social adotada para controlar e prevenir a propagação da Covid-19, a fim de se evitar um colapso na saúde pública brasileira, as escolas optaram pela suspensão das atividades presenciais a partir de março de 2020. Com isso, as secretarias de educação do Brasil passaram a planejar as pressas a continuação das atividades escolares para garantir o direito de aprendizagem dos alunos de forma não-presencial. Com isso, o ensino remoto foi desenvolvido a partir de plataformas on-line como o Google Classroom e Google Meet, vídeo-aulas gravadas, utilização de redes sociais (Facebook, Instagram, Whatsapp, Youtube), blogs, correios eletrônicos, compartilhamento de materiais digitais, entre outros, foram as estratégias utilizadas pelas secretarias de educação para dar continuidade aos estudos. Cada Estado Brasileiro se organizou adotando estratégias diferenciadas. Conforme Cunha (2020), apenas os Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e São Paulo patrocinaram a internet para os alunos que não possuíam. Com relação ao Estado da Paraíba, “a Secretaria lançou a plataforma Paraíba Educa [...] fechando parcerias para a exibição de teleaulas pela TV Assembleia” (Cunha 2020, p.31).

A reorganização escolar proposta pelo Conselho Nacional de Educação-CNE visa atender ao que está disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB e na Constituição Federal, os principais documentos norteadores da Educação no Brasil. De acordo com Cunha (2020), ao considerar as incumbências dos estabelecimentos de ensino determinadas pelas secretarias de educação o CNE determinou que o ensino remoto deveria considerar alguns princípios e requisitos impostos pela LDB e CF, tais como o atendimento aos direitos e objetivos de aprendizagem previstos para cada ano e série, garantir o padrão de qualidade, cumprir com a carga horária mínima prevista, evitar retrocesso de aprendizagem, estimular vínculos com a escola, fazer um levantamento da realidade dos alunos e os limites de acesso as tecnologias a fim de incluir propostas inclusivas, garantir a igualdade de oportunidades educacionais realizando uma avaliação justa e de acordo com a realidade vivenciada para evitar o abandono e a reprovação. Porém, pesquisas mostram que o ensino remoto não garantiu a qualidade na educação e acentuou ainda mais as desigualdades educacionais.

O caráter excepcional provocado pelo contexto da pandemia exigiu uma modalidade de ensino denominada Ensino Remoto Emergencial (ERE), que para Behar, citado por Cunha (2020, p.32), “é uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro”. Complementando, o ensino intitulado remoto “configura-se com as práticas pedagógicas mediadas pelas plataformas digitais” (Alves Apud Cunha 2020, p. 32). Behar Apud Cunha (2020, p. 32) esclarece ainda que no ensino remoto “os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus”. O termo emergencial foi utilizado porque “do dia para a noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado” (Behar Apud Cunha, 2020, p. 32).

Sabe-se que no Brasil cresce o número de analfabetos funcionais, aqueles que foram à escola, mas não possuem domínio satisfatório da escrita, da leitura e do cálculo. Além disso, existem problemas como a distorção idade-série, a reprovação e o abandono escolar. Essas interrupções provocam grandes prejuízos na trajetória desses estudantes que se tornam excluídos da sociedade letrada e do mundo moderno. Se no ensino presencial a situação de desigualdade já marca a sociedade brasileira, pois muitas pessoas têm seus direitos negados, nos tempos de pandemia, a exclusão se tornou mais evidente e desafiadora. Isso ocorre porque com o distanciamento social as estratégias educacionais são dependentes das tecnologias de informação e comunicação e uma grande parte desses estudantes enfrentam dificuldades para acessá-las o que irá comprometer seus vínculos com a escola. Conforme Cunha (2020, p. 32):

No Brasil 29% dos domicílios, aproximadamente 19,7 milhões de residências, não possuem internet. Desse montante de desconectados 59% alegaram não a contratar porque consideram muito caro esse serviço, outros 25% porque não dispõem de internet em suas localidades. Destaca-se, ainda, que 41% dos entrevistados alegaram não possuir computador para tal e 49% que não sabiam usar a internet.

Diante do exposto, percebe-se que muito estudantes estão ou ficarão fora do ensino remoto motivado pela falta de acesso a internet. Outro fator de exclusão seria a ausência do computador ou notebook. Mesmo a maioria dos jovens possuindo *smartphones* e sabendo manuseá-los, nem sempre esse aparelho realiza as mesmas aplicações que um computador, ou mesmo que realize apresenta algumas estruturas incompatíveis, pois as plataformas utilizadas para o ensino remoto necessitam de outros dispositivos que em muitos casos se tornam

difíceis de manuseá-los através do uso do *smartphone*. O resultado disso é que muitos alunos não poderão acompanhar as aulas e mesmo que as aulas sejam assistidas, não poderão realizar as atividades exigidas e postá-las em tempo hábil.

Também vale ressaltar que as famílias que possuem mais de dois estudantes na escola que estudam no mesmo turno e horário, não terão aparelhos suficientes para atender a todos. Embora existam famílias que possuem aparelhos suficientes e acesso a internet, isso não significa dizer que todos possuam as competências necessárias para acessar e manusear facilmente as tecnologias de informação e comunicação. Já os materiais impressos, que foram disponibilizados por alguns sistemas de ensino, para alunos que não tinham acesso a internet, mesmo sendo uma tentativa para tentar pelo menos amenizar a exclusão, tornou-se bastante perigosa pelo fato de expor os alunos e as famílias ao contágio devido aos deslocamentos, como aconteceu com comunidades indígenas e quilombolas, as quais os acessos são mais restritos, o que implicou no agravamento das desigualdades educacionais.

Dessa forma, o direito a aprendizagem só se concretizará se o ensino remoto, mediado pelas tecnologias, favorecer oportunidades para que os estudantes tenham o acesso necessário que potencialize a sua formação, caso contrário esses alunos estarão fora do contexto educacional tornando-se excluídos digitais. Para evitar essa exclusão é necessária à implementação de políticas públicas que garantam o acesso a internet e a equipamentos como direitos de aprendizagem para possibilitar a inclusão dos estudantes na era contemporânea e digital. Não se pode negar o esforço de estudantes, familiares e professores na tentativa de superar os obstáculos e os prejuízos decorrentes da suspensão das aulas presenciais. Muitos docentes relatam desafios diversos na tentativa de se adaptarem e se reinventarem para essa nova realidade:

[...] de acordo com pesquisa realizada pelo Movimento Todos Pela Educação, com base nos dados do CETIC (2018) e INEP (2017), 67% dos professores, por exemplo, declaram necessidade de aperfeiçoamento ou formação para fazerem o uso pedagógico das tecnologias para mediar adequadamente o processo de ensino. O estudo evidencia, ainda, que 76% dos professores se mobilizaram para aprender a respeito das tecnologias educacionais, cujo objetivo foi superar as dificuldades do momento. Além disso, apontam que a maioria dos professores não tiveram em sua formação inicial e nem continuada a preparação para o uso de tecnologias na educação. (CUNHA, 2020, p. 34).

Os dados mostram que o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi uma situação atípica para muitos docentes, elaborada às pressas e de forma improvisada para atender às exigências das secretarias de educação, que por sua vez devem cumprir as determinações do MEC, na tentativa de evitar a perda total de um ano letivo. Mas não podemos esquecer que essa

modalidade de ensino remoto não garantiu acesso, permanência e condições satisfatórias de aprendizagem. Marcado por uma série de exigências impostas a alunos e professores, que tiveram que se adaptar ao cumprimento de excessivas tarefas com aulas expositivas sendo algumas gravadas, não dialogadas, enquanto outras mesmo sendo em tempo real, não havia a devida interação entre alunos e professores. Diante de tudo isso, o ensino remoto não pode ser considerado como a única alternativa capaz de contemplar docentes e discentes em suas necessidades e expectativas de aprendizagem. Existiram inúmeros relatos de professores relativos à perda de mais tempo e muita energia para atender as exigências que essa nova modalidade exigia, com resultados não satisfatórios em comparação à modalidade presencial, chegando ao ponto de não existir um ensino de qualidade.

Com relação à educação superior, as atividades assíncronas que exigiram auto-estudo e auto-aprendizagens próprias, para Cunha (2020) se assemelhavam aos mesmos moldes da educação EAD, sem interação social. Os alunos não interagem com os colegas ou professores e quando a interação ocorria de forma individual, resumindo-se a contatos rápidos e esporádicos. A inexistência de uma aprendizagem colaborativa sem diálogos, imposta de forma imprevisível e súbita apresenta efeitos negativos para o aprendizado e o rendimento dos alunos.

Se durasse por mais tempo o distanciamento social, o ensino remoto exigiria que os estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental continuem na dependência da família para a realização das atividades em casa. Com o passar do tempo isso não seria mais possível, pois familiares ou responsáveis teriam outros afazeres que impediriam de dar assistência a esses estudantes. Existem, ainda, situações diferenciadas que são caracterizadas como empecilhos, tais como familiares sem instrução adequada para acompanhar os filhos, falta de um espaço adequado nas residências para assistir as aulas sem interrupção e tecnologias usadas pelos professores que não possibilitam a aprendizagem. Além disso, muitos professores tiveram desgaste físico e psicológico motivado pelo excesso de atividades e elevação das responsabilidades, pois exigiu de muitos a necessidade de aperfeiçoamento através de cursos para poderem realizar uma educação voltada para a tecnologia digital.

Cunha (2020) assegura que o ensino voltado para atender uma situação emergencial apresenta grandes limitações, por não corresponder de fato a uma educação *online* específica da *cibercultura*. Nesse sentido, o autor critica atividades como “apresentação de slides lineares”, “videoaulas ou pirotécnicas descontextualizadas”, destacando que “precisamos engendrar uma teia complexa de conexões e acionar os estudantes adentrarem os conteúdos,

produzindo colaborativamente conhecimentos nas interfaces de comunicação síncronas e assíncronas, só assim, teremos educação *online*”. Santos (2020) apud Cunha (2020, p.35).

A utilização de tecnologias pela escola tem como objetivo garantir o aprendizado do aluno, uma conexão mediada pelas tecnologias digitais é um fenômeno da *cibercultura* e deve ser conduzida para garantir o acesso ao conhecimento de todos os alunos, tornando-os capazes de construir sentidos e significados. Um ensino organizado as pressas, em momentos conturbados da pandemia não garantiu uma educação de qualidade voltada para o exercício da cidadania. A falta de acesso, as restrições, as impossibilidades de continuação do processo resultou em uma realidade excludente que agravou ainda mais as desigualdades.

2.1.1 Ensino Remoto Emergencial (ERE) e Educação A Distância (EAD)

Quando falamos em educação a distância não corresponde a uma modalidade nova. Para Araújo e Fahd (2020) desde a década de 1950 já existiam cursos de capacitação por correspondência para aprimorar o desempenho dos profissionais em suas áreas de atuação. No ano de 2020 tivemos uma mudança radical na educação, pois o MEC instituiu a “Portaria 343, de 17 de março de 2020 suspendendo as atividades acadêmicas, através da decisão do Comitê de crise, instituído pela Portaria 345, de 19 de março de 2020 e pela Portaria 473, de 12 de maio de 2020”. (BRASIL, 2020, Apud Araújo e Fahd, 2020, p.35). Nesse sentido, Educação a Distância (EAD) não pode ser confundida com Ensino Remoto.

A educação a distância já se tornou um fenômeno universal agregando todas as áreas do conhecimento que vem se firmando e se democratizando no Brasil. Na Pandemia da COVID-19 tivemos o ensino remoto como alternativa educacional que veio para trazer uma nova modalidade de ensino, incluindo o Ensino Fundamental, Ensino Médio, Graduação e Pós-Graduação. “Mais de 80 países dos cinco continentes, incluindo o Brasil, adotam educação a distância em todos os níveis de ensino, em sistemas formais e não-formais, podendo atender a milhões de estudantes”. (ARAÚJO E FAHD, 2020, p. 35). Para os autores, essa nova geração chamada de “Y e Z” está cada vez mais conectada, habituada a rapidez e quantidade em larga escala das informações, apresenta maneiras diferentes de se comunicar, pensar, estudar e se conectar. Logo, a tecnologia é capaz de aprimorar ainda mais o potencial desses sujeitos de várias formas, por isso deve ser bem contextualizada, de modo a atingir as expectativas desse público, sendo um meio facilitador da aprendizagem.

Como o ensino se encontra em constantes transformações, as novas tendências tecnológicas devem ser incluídas nos planejamentos dos sistemas de ensino criando uma nova

forma de aprendizagem. Assim, o espaço virtual deve ser sempre interativo, apresentando materiais didáticos em harmonia com os estudos. A relação professor-aluno deve ser baseada na conectividade e interatividade para que as aulas *online* sejam norteadoras para a construção do conhecimento, garantindo uma aprendizagem de qualidade. Nesse sentido, a educação a distância corresponde ao presente e ao futuro da educação por ter a tecnologia como aliada que já faz parte da vida cotidiana, profissional e educacional.

Quando o aluno apresenta os equipamentos tecnológicos e as condições necessárias para a realização de aulas online, como materiais de qualidade, uma tutoria eficiente para tirar dúvidas e fazer questionamentos, além de orientações e comunicações precisas, essa modalidade irá favorecer o desenvolvimento da autonomia desse aluno preparando-o cada vez mais para os desafios do mundo moderno. Na nossa atual realidade, o ensino teve profundas transformações e isso não ocorre apenas pela incorporação das tecnologias nos cursos presenciais. Essa nova realidade está trazendo diferentes didáticas, diferentes abordagens pedagógicas e novas responsabilidades para os professores, para as escolas e novos desafios para os alunos.

A modalidade de educação a distância permitiu que o ensino não ficasse restrito apenas ao espaço físico da sala de aula, com alunos, professores e cumprimento de uma carga horária. O aluno tem a oportunidade de construir o seu conhecimento, onde quer que esteja, seja acessando do celular, notebook entre outros meios, organizando seu horário e tempo de estudos adequado a sua rotina. Outro benefício é o tempo que torna-se bem maior, pois o estudante não perde longas horas no deslocamento da residência para a escola ou universidade, não enfrenta os problemas do tráfego e o gasto com materiais e outras necessidades que a modalidade presencial requer.

Para a realização da modalidade de educação a distância, a ferramenta mais utilizada é o *Google Classroom* por apresentar mais facilidade de manuseio pelos professores e alunos. Tanto pode ser aplicado na sala de aula como *online*. Essa ferramenta “além de ser um ensino híbrido pode entrar dentro da classificação de *blendedlearning* ou sala de aula invertida, onde o professor projeta o conteúdo e utiliza tempo de sala de aula para discutir e acertar ideias confusas”. Yanto (2020); Acosta et al. (2020) e Pan & Pan (2010) Apud Araújo e Fahd (2020, p. 37).

Diante do exposto devemos compreender ainda que Educação a Distância (EAD) e Ensino Remoto Emergencial (ERE) não são sinônimos. Para Moraes (2020), é preciso fazer uma distinção entre essas duas modalidades, pois as legislações que a regulamentam não são as mesmas. A EAD “é regulamentada pelos decretos nº 9.057, de 25 de maio de 2017 e o de

nº 9.235 de 15 de dezembro de 2017. Já o ERE é regulamentado pelas portarias ministeriais 343,345,395,544 [...] e mais a medida provisória 924/2020 convertida na Lei 14.040/2020” (MORAES, 2020, p. 48).

Conforme Moraes (2020, p. 48) o Ensino Remoto Emergencial “pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotado de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais para que as atividades escolares não sejam interrompidas conforme o artigo 1º da Portaria 343/2020/MEC”. O objetivo dessa portaria era substituir as aulas presenciais por aulas remotas durante o período de 30 dias, sendo prorrogada em caso de necessidade. Em nenhum momento a Portaria estava autorizando o Ensino a Distância. Conforme Araújo e Fahd (2020) a Portaria se restringia a regulamentar a nova modalidade intitulada Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Nessa modalidade de ensino a aula ocorre em duas etapas: a síncrona, que é em tempo real, ocorrendo através de videoaulas e a assíncrona que ocorre em tempos distintos, que correspondem às atividades que serão realizadas durante a semana para serem enviadas através do ambiente virtual.

Nesse ambiente a modalidade presencial é substituída pela presença digital em ambiente *online*. A carga horária deve ser cumprida e a presença dos alunos é cobrada com base nos recursos disponíveis existentes na instituição de ensino. Já a Educação a Distância “ocorre com o emprego de meios e tecnologias de informação e comunicação, com alunos, tutores e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos, conforme o artigo 1º do Decreto nº 9.057/2017”. (MORAES, 2020, p. 49).

O modelo de ensino EAD exige do professor qualificação para a sua execução e é desenvolvido através da participação de professores, alunos, tutores e gestores. Nessa modalidade as atividades e os conteúdos devem ser adequados a cada área de conhecimentos. Existe toda uma estratégia pedagógica com aulas atemporais, nas quais o aluno desenvolve suas atividades estabelecendo seus próprios horários e momentos para sua aprendizagem. Isso não significa liberdade, pois cabe ao aluno ter disciplina, cumprir todas as obrigações e saber organizar os seus estudos da melhor forma ao seu favor. É a modalidade ideal para quem tem facilidade com o mundo digital e quer desenvolver autonomia. Mas vale destacar que a modalidade que vivenciamos nessa época de pandemia do COVID-19 foi o Ensino Remoto Emergencial, que foi a proposta mais rápida para esse momento de crise sanitária que exigiu uma mudança radical na rotina dos docentes e das instituições de ensino, que tiveram que refazer os seus planejamentos e desenvolver estratégias voltadas para a modalidade *online*.

Vale destacar ainda que o trabalho que o professor desenvolveu no ensino remoto, não pode ser comparado com as atividades de um tutor de EAD. Esse, apesar de ser um personagem importante interferindo no processo de ensino aprendizagem, interpretando os conteúdos elaborados pelo professor, de acordo com Godoy (2020) apud Farias, (2020, p. 113) “é a figura de autoridade que auxilia os alunos naquilo que for necessário e que garante que o material utilizado no curso está adequado às condições de aprendizagem dos alunos, não sendo responsável pela formulação do conteúdo do curso”. Farias (2020) ainda acrescenta que o tutor administra os acessos dos alunos em ambiente virtual online (AVA), como também acompanha o progresso dos mesmos, auxiliando-os na tomada de decisões, para que atinjam um desempenho satisfatório.

2.1.2 Práticas pedagógicas no ensino remoto

As práticas pedagógicas voltadas para o ensino remoto exigiram competências específicas, que deviam incluir as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). A realização de atividades pedagógicas não presenciais, em substituição a modalidade presencial de ensino trouxe muitas preocupações e indagações para docentes e sistemas de ensino, os quais se questionavam se o uso das práticas pedagógicas mediadas pelas TDIC iria contribuir para alcançar os objetivos de aprendizagem e habilidades previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Leite e Leite (2020) esclarecem que as tecnologias desenvolvidas para o EAD não são as mesmas utilizadas para o ensino remoto. A educação EAD já era consolidada e direcionada por uma legislação específica conforme foi citado anteriormente. Trabalha utilizando tecnologias digitais específicas, apresenta serviços de armazenamento de *backups* e os arquivos ficam armazenados nas nuvens podendo ser acessados em qualquer hora e lugar. Na modalidade de ensino remoto, as aulas *online* apresentaram os mesmos dias e horários das aulas presenciais, a interação era com o professor da disciplina em tempo real através de aulas denominadas de síncronas, pois se tratava de um ensino presencial adaptado a uma situação de emergência. A aula deixou de ser dinâmica e participativa e na maioria das vezes contou apenas com a condução do professor que dialogava com uma turma que ficava com as câmaras e microfones desligados. As aulas assíncronas eram voltadas para a realização de atividades que foram encaradas pelos estudantes como excesso de conteúdo. Mas, tudo isso

não pode ser encarado como culpa dos professores ou dos sistemas de ensino, pois não houve um planejamento estruturado para atender a essa situação inusitada, nem material de apoio pedagógico mediado pelas tecnologias que pudessem atender os estudantes no prazo estabelecido.

Nas salas de aulas remotas os professores tiveram o grande desafio para se reinventarem e se capacitarem em ambientes virtuais de Ensino e Aprendizagem (AVEA), a maioria por conta própria, arcou com todos os custos, pois as secretarias não disponibilizaram de cursos para os profissionais de educação, que não tiveram tempo para adaptarem suas rotinas de trabalho a modalidade remota.

Além disso, as escolas e os professores perceberam que não possuíam a competência pedagógica necessária para desenvolver um processo de ensino-aprendizagem com qualidade, de forma a aprimorar e desenvolver as habilidades e competências de jovens e crianças. Conforme Leite e Leite (2020, p.61), as práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino remoto, se assemelham a EAD. Essa metodologia exige um Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA) capaz de “adequar estratégias comunicativas”, “organizar unidades textuais e fóruns virtuais”, “gerenciar certos aspectos do *layout* do AVEA”. Além disso, deve apresentar um planejamento coerente e conciso para a elaboração de planos de aulas, materiais didáticos, forma de execução de atividades, tudo de acordo com o calendário estabelecido, a fim de evitar ausências e extrapolções. Por se tratar de uma modalidade de ensino provisória, regulamentada por resoluções e portarias, a passagem do presencial para o remoto foi marcada por tensões e instabilidades.

Apesar dos desafios, temos que encarar a realidade, não há mais espaço para aulas voltadas apenas para a transmissão de conteúdos. Na concepção de Leite e Leite (2020) estamos vivendo em momentos marcados pelo ciberativismo, que requer a mobilização para a inclusão de temas políticos, sociais, culturais e ambientais em conformidade com a cibercultura e para atender a essas demandas os docentes precisam desenvolver competências adequadas à modalidade *online*. A EAD com a ajuda da internet, já contava com uma prática pedagógica com profissionais da docência com habilidades específicas, incluindo também designers pedagógicos, gráficos, de vídeo, cinegrafistas, editores, revisores e diagramadores, o que contribuiu para um processo educativo mediado pelo auxílio das tecnologias.

Quanto ao perfil do aluno da EAD, trata-se de jovens ou adultos, que em muitos casos já possuem uma graduação ou uma profissão, ou ainda são pessoas que não querem perder tempo com deslocamentos para um ensino presencial, querem adquirir mais conhecimentos, se aperfeiçoando. Eles já possuem toda uma estrutura capaz de acompanhar

um ensino EAD, com internet, equipamentos, disposição e comprometimento, diferente do adolescente do Ensino Médio, que teve que se adaptar ao ensino remoto inesperadamente. Sabemos que os alunos do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio não possuem a motivação e autodisciplina, pois a própria dinâmica do ambiente *online* é caracterizada pela flexibilidade e liberdade. Se no ensino presencial, já era um desafio para o professor chamar a atenção desses alunos, no ambiente virtual essa ação tornou-se ainda mais complexa.

Leite e Leite (2020, p.67) acreditam que os professores do ensino remoto “não têm certeza de suas obrigações. Preferem manter conexões assistemáticas com os estudantes para apoiá-los a qualquer custo. Incorrem em equívocos teóricos e práticos com adaptações dispensáveis para o enfrentamento da educação pandemializada”.

Dessa forma, a suspensão das aulas presenciais por conta da COVID-19 pela modalidade de ensino remoto fez com que muitos professores tivessem dificuldades e problemas dos mais variados, pois não dominaram efetivamente a metodologia implantada e ainda não conseguiram visualizar a integração entre teoria e prática de forma eficiente, resultando em um ensino híbrido e distante dos reais objetivos de uma educação mediada pelas Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação. Assim, o pós-pandemia exigirá que a educação tenha profissionais do magistério que possuam domínio tanto da disciplina que lecionem como do uso das tecnologias digitais que serão utilizadas para mediar o ensino.

2.1.2.1 O ensino remoto na concepção de professores e alunos

Devido às mudanças sofridas no ensino motivadas pela pandemia causada pela COVID-19, muitos professores que migraram das aulas presenciais para o ambiente online tiveram aumento de sua jornada de trabalho e intenso fluxo de atividades. Modificações nas formas de ensinar tiveram que ser realizadas, como também a modificação do planejamento pedagógico, a fim de encontrar caminhos para motivar e contribuir para o desenvolvimento dos estudantes em ambiente virtual. Por estarem todos fora de uma relação interpessoal, sem a interação necessária que tanto favorece no aprendizado, professores e alunos sejam da educação básica ou superior, pública ou privada não tiveram muito tempo para discutirem e realizarem seus planejamentos, pois tiveram que adotar um Ensino Remoto Emergencial implantado de forma experimental, no qual tiveram que converter o currículo, elaborado para uma situação presencial, em aulas remotas.

Farias (2020) destaca que entre as principais reclamações dos professores, as mais recorrentes foram o despreparo para enfrentar essa situação, o aumento da jornada de trabalho, a falta de tempo para adequar as disciplinas para a modalidade remota, a dificuldade em interagir com as câmaras e principalmente a falta de uma capacitação apropriada para lidar com as novas tecnologias de informação e comunicação. A maioria das instituições de ensino também não tinha um currículo planejado para ser aplicado de forma remota. Outro desafio foi adequar aulas, materiais e atividades, que foram elaboradas para o ensino presencial, para o ensino *online*. O momento também foi marcado por uma avalanche de informações e novas tecnologias que se apresentaram como soluções viáveis para o momento. Muitos professores alegaram sentir dificuldades para encontrar um modelo mais apropriado, que atendesse as suas necessidades, pois não houve tempo nem planejamento para isso.

Nessa perspectiva, Farias (2020) concorda que a qualidade da aula do professor no ensino remoto sofreu abalos dos mais variados. Adequar aulas do ensino presencial para o remoto com um baixo nível de treinamento ou quase nenhum, comprometeu sua saúde física, mental e a eficiência de seu trabalho. Não basta dizer apenas que essa modalidade de ensino veio para ficar, é preciso oferecer condições para os professores, como cursos de capacitação, mediação e apoio de outros profissionais para que se tenha um ensino de qualidade, adaptado a realidade dos sujeitos.

Diante de um cenário de incertezas vivenciado pelos professores, também é necessário descrever algumas concepções acerca dos estudantes, os que sofreram o maior impacto com essas mudanças. De acordo com Júnior (2020), os Estados e seus respectivos sistemas de ensino implementaram políticas públicas de auxílio estudantil, embora não seja objetivo da pesquisa do autor avaliar se tais políticas garantiram o acesso com qualidade aos estudantes mais vulneráveis, ele destaca as seguintes: “ auxílio financeiro, auxílio merenda, auxílio inclusão digital para compra de dados móveis, chips ou de aparelhos como computador, celular e tablet” (JÚNIOR, 2020, p. 123). Além do material didático e do acesso a equipamentos tecnológicos, existiram também apoio psicológico, complementação alimentar e programas voltados para a inclusão digital como “Programa Casa Brasil, Centros de Inclusão Digital, Programa Computador para todos, Programa Estação Digital, o Observatório Nacional de Inclusão Digital e o Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo)” (JÚNIOR, 2020, p. 124). Mas, apesar dos esforços dos Estados e sistemas de ensino na tentativa de tornar a educação universal e igualitária, tais benefícios não foram suficientes para reduzir as desigualdades educacionais, que no período da pandemia se agravaram ainda mais, motivadas pelas desigualdades socioeconômicas.

Para Júnior (2020), temos que considerar que o ensino remoto foi implantado em caráter emergencial e não veio para ficar, é apenas temporário, tem suas limitações e não irá substituir o ensino presencial. Essa medida surgiu para que os prejuízos oriundos da parada repentina não fossem maiores. O autor ainda afirma que muitos estudantes se sentiram prejudicados pela ausência de aulas presenciais e os motivos desses prejuízos são os mais diversos sejam de ordem econômica, tecnológica, psicológica entre outras.

Com relação à qualidade do ensino remoto, Júnior (2020) destaca que os alunos não tiveram sequer expectativas, pois não sabiam o que iria ocorrer e nem apresentavam expectativas em relação ao futuro, pois muitos tinham preocupações das mais diversas ordens, sendo a econômica a mais abrangente e não tiveram tempo, nem ânimo para pensarem que teriam algum retorno positivo com o ensino remoto. Outros alunos alegaram ter suas expectativas superadas, diante disso, acreditamos que para alunos que vivenciam a inclusão digital com equipamentos tecnológicos, internet e um ambiente adequado em suas residências para assistirem as aulas, apresentam boas expectativas e veem possibilidades de uma nova forma de aprendizado no ensino remoto, mas isso foi a minoria dos alunos. No geral, mesmo diante de alguns sucessos e muitos fracassos, as questões de ordem socioeconômicas foram as que mais pesaram para a efetiva implantação dessa modalidade de ensino, além do mais os alunos acreditam que o ensino remoto não reparou as perdas educacionais motivadas pela suspensão do ensino presencial.

Mesmo sendo uma modalidade cheia de desafios foi a partir do ensino remoto que pudemos rever como está sendo conduzida a nossa educação e como as desigualdades socioeconômicas estão excluindo nossos alunos da *cibercultura*. Nesse período de ensino remoto, novas práticas estão sendo constituídas, uma nova organização do tempo e uma maior autonomia nos estudos estão sendo exigidas, sem esquecer as novas necessidades individuais que sempre estarão em evidência nesse contexto.

2.1.2.1.1 A formação de professores em tempos de ensino remoto

Apesar de muitos cursos de licenciatura no Brasil já adotarem a modalidade do Ensino a Distância, na pandemia se depararam com uma situação inusitada, provocada pela suspensão das aulas presenciais pelo ensino remoto devido a crise sanitária causada pela COVID-19. Os cursos tiveram que se estruturar implantando novas metodologias resultando em uma nova Era para a formação de professores de licenciatura. Diante das exigências de uma formação presencial atrelada ao uso das tecnologias, de acordo com Moura (2020) ficaram apenas no campo teórico e das reflexões, pois de repente as atividades tiveram que migrar para o campo virtual e as instituições não estavam preparadas para lidar com uma situação tão atípica.

O sonho de muitos jovens que estavam concluindo ou adentrando os cursos de licenciatura foi interrompido, pois não havia garantias de que, com o pós-pandemia a situação poderia se reverter. Medos, incertezas, inseguranças e falta de esperanças foram e são sentimentos vivenciados pela maioria dos estudantes de licenciatura. Alguns relataram grandes dificuldades para realizar as atividades no ensino remoto, enquanto outros não tinham o tempo suficiente para conciliar atividades síncronas e assíncronas ou ainda não utilizavam uma internet de qualidade, ou ainda equipamentos capazes de acompanhar as aulas.

Trata-se de um campo bastante amplo e problemático devido à presença de fatores como a situação social, econômica e emocional, os quais devem ser considerados pelas instituições no momento de planejar suas ações. Moura (2020) acredita que as condições de acesso e permanência dos alunos nos cursos de licenciatura não bastam apenas ser revista é preciso que existam políticas públicas que expandam o atendimento para todos os alunos de diferentes classes sociais.

Muitos estudantes alegaram estar recebendo auxílio estudantil para poder desenvolver suas atividades, mas suas necessidades são das mais diversas ordens, as quais devem ser priorizadas a essencial. Não se trata de escolher entre ensino presencial ou remoto, pois é uma questão complexa que envolve cenários e contextos diversos, devendo-se pensar na qualidade do ensino.

Nesse sentido, é necessário rever os conceitos de formação dos alunos dos cursos de licenciatura, seja no ensino presencial ou remoto. Não adianta apenas formar sem considerar que o contexto atual trouxe inúmeros prejuízos para os cursos de formação de professores. Se antes, o planejamento das disciplinas era pensado para ser desenvolvido em uma modalidade presencial, não poderíamos esperar que fossem criadas rapidamente estratégias viáveis para o ensino remoto.

Moura (2020) acredita que apesar das adversidades e incertezas que o momento acarretou e acarreta, podemos enxergar com mais clareza sobre a importância do trabalho do professor e da sua presença em sala de aula. Momentos antes da pandemia, muitos acreditavam que o professor seria substituído pelas tecnologias digitais de informação e comunicação e essa profissão em pouco tempo se tornaria obsoleta. Felizmente, a realidade provou o contrário, tivemos a certeza que nada substitui a presença do professor em sala de aula. As tecnologias digitais sem a presença do professor para mediá-las se tornam inúteis e inacessíveis. Diante disso, estamos em uma nova fase em que a prática pedagógica dos professores formadores de licenciados deve refletir acerca das novas necessidades, planos, metodologias, metas e estratégias para conduzir uma educação que atenda aos anseios da sociedade.

Estamos vivenciando momentos complexos na educação. O desafio não consiste apenas em ter ou não aula, seja ela remota ou presencial. O discurso que mais se propagou nesse período foi o de que “a educação não pode parar”. Não se trata de conduzir um curso de licenciatura apenas para não parar as aulas, é preciso que os professores estejam preparados para mediar e dialogar com as interfaces em todos os momentos.

Docentes e discentes das licenciaturas abordam os prejuízos acarretados pela mudança repentina do ensino presencial para o remoto, esses prejuízos atingiram com mais ênfase a pesquisa, um dos pilares essenciais da Educação Superior. Moura (2020) ao se debruçar sobre as reflexões de alunos e professores relatou que antes da pandemia os grupos de pesquisas já estavam encaminhados, cada membro possuía suas atribuições e desenvolvia suas atividades. Com a parada repentina, ficando na modalidade remota e totalmente teórica, as atividades não avançaram porque faltaram informações físicas, contato com as pessoas e com os espaços para que através das conversas e da observação participante se pudesse coletar dados necessários para se desenvolver qualquer pesquisa. O estar em casa não faz com que as pesquisas se desenvolvessem, nada funcionou, pois as pessoas estavam em outra realidade e precisavam de tempo e novas estratégias para se habituarem. A realidade é que todos tiveram prejuízos com a pandemia seja professores em formação ou formadores de professores.

Também foi preciso ter empatia e sensibilização na realização das atividades. Todos estavam inseridos em um cenário exaustivo para poderem atender as necessidades formativas dos alunos, logo não era adequado excesso de conteúdos ou cobranças desnecessárias. Vivemos momentos tensos que afetaram não apenas a situação econômica, mas também o psicológico dos alunos que se sentiram e sentem desmotivados e sem energia na hora de

estudar ou fazer atividades. Quanto aos professores formadores, estes estão exaustos e com pouco tempo cujos esforços estão voltados para cumprir os programas formativos.

Na realidade essa pandemia nos deixou uma lição: que é preciso se preparar para ensinar e aprender tanto no ambiente presencial como no remoto. Somos cientes dos sentimentos de desmotivação e falta de esperança, mesmo imersos em um cenário de incertezas somos seres de potencialidades e podemos desenvolver possibilidades para superar esses momentos. Muitos alunos esperam que os professores formadores desenvolvam novas posturas e olhares diversificados, pois a universidade é um campo de desafios e novidades. Mudar as formas de ensinar e aprender é uma atitude voltada para o futuro e as transformações que tivemos com o ensino remoto mostram que a educação jamais será a mesma.

Moura (2020) reflete acerca dos novos tempos da educação e dos novos cenários existentes, alertando a necessidade de nos firmarmos e caminharmos para o futuro. Diante disso, “é preciso movimentar-se sobre como a educação era feita ontem, como estamos fazendo hoje com o ensino remoto e apontar para o fazer amanhã em novos tempos” (MOURA, 2020, p. 101).

Não podemos negar que as dificuldades e os desafios foram imensos durante a realização do ensino remoto para os cursos de professores em formação, como também não podemos esquecer dos prejuízos sofridos na formação de estudantes que permaneceram distantes da prática pedagógica e do contato com o ambiente escolar para enriquecer a sua formação. Algumas turmas optaram pela suspensão definitiva das aulas remotas, alegando que não podiam ficar apenas com os conhecimentos teóricos obtidos nessas aulas, pois seria importante o equilíbrio de conhecimentos teóricos e práticos para que a atividade docente não fosse prejudicada. Isso não seria a solução mais sensata. Os novos tempos exigem que saibamos nos adaptar a eles, desenvolvendo competências para acompanhar as mudanças. Não é o mundo que tem que se adaptar as pessoas, elas devem ter a consciência que é preciso considerar os múltiplos cenários existentes e ter a ousadia de repensar a própria prática. Sabemos que o ensino remoto não chegou a todos os estudantes e professores em formação em nosso país, em função das desigualdades socioeconômicas, porém não deixou de ser uma experiência estritamente necessária para avaliarmos como está a nossa educação e quais os rumos que esta deve tomar para que tenhamos objetivos mais definidos.

Só sabemos que essa experiência com o ensino remoto nos auxiliou para uma reflexão acerca do que queremos para o futuro dos cursos de formação de professores. O contexto atual é complexo, exatamente porque nos coloca diante do desafio de enriquecer as

nossas práticas e compreender o quanto a formação de professores é uma área complexa que exige outras visões de mundo e reflexão de como estamos e o que almejamos para esses tempos difíceis e nefastos.

3 O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL: REPENSAR E REINVENTAR

Diante das mudanças educacionais que o ensino remoto provocou e vem provocando em nossa sociedade é essencial repensarmos o papel da literatura infantil na escola. Conforme Silva e Paulinelli (2018), “...o adjetivo ‘infantil’ ...contém uma ideia de valor diminuto e inconseqüência” (SILVA E PAULINELLI, 2018, p. 4). Assim, o adjetivo “infantil” ainda é visualizado como sinônimo de uma literatura menor voltada para um público ainda em formação, cuja função deveria ser apenas moralizante. Ainda hoje existem controvérsias e questionamentos acerca de uma literatura exclusiva para crianças, uma vez que o livro infantil pode ser utilizado e apreciado pelo adulto, ou ainda, a criança pode despertar grande interesse em uma história destinada ao público adulto.

Essa concepção segundo Zilberman (1995) ocorria porque nas sociedades antigas não havia uma literatura específica para crianças, pois a infância não era considerada, nem tampouco a criança era vista como um sujeito de direitos. De acordo com Silva e Paulinelli (2018), o mundo da criança era separado do mundo do adulto e toda produção literária era destinada apenas ao público adulto. Com a ascensão da burguesia no século XVIII, passa a ocorrer profundas alterações nas relações econômicas, sociais e familiares. A partir daí a criança passa a ser considerada como um ser especial que está em processo de formação e necessita de cuidados especiais.

Nesse período começam a surgir várias publicações enfatizando as singularidades da criança como ser humano em formação, sendo ainda biologicamente frágil em relação ao adulto. No Brasil, a literatura infantil surgiu no século XX a partir da Imprensa Régia que passou a publicar obras baseadas em adaptações da literatura portuguesa. Durante esse período a literatura destinada ao público infantil tinha função moralizante, cujo objetivo era preparar a criança para seguir os moldes da sociedade da época. Para muitos críticos literários o precursor da literatura infantil, no Brasil, foi José Bento Monteiro Lobato, cujos livros eram voltados para crianças destacando elementos e personagens característicos do povo brasileiro.

Sabe-se que a literatura infantil ao ser inserida desde a mais tenra idade, permite às crianças compreenderem o mundo que as cerca, por ser considerada um rico instrumento para o desenvolvimento do imaginário infantil, além de estimular o exercício mental e despertar a criatividade. Nesse sentido, o livro de acordo com Zilberman (1995) é um importante instrumento para que a criança reflita sobre sua própria condição social. Fazer com que a criança tenha contato com a obra literária desde cedo, compartilhando leituras de maneira lúdica e prazerosa, contribui para a formação do seu espírito crítico, amplia sua visão de

mundo e desperta sua sensibilidade e criatividade, além de ser considerada um rico instrumento para o desenvolvimento do imaginário infantil.

Porém, a literatura infantil só exercerá sua verdadeira função se o professor selecionar textos adequados e interessantes despertando o hábito e o prazer da leitura. No entanto, o professor não é o único responsável. Também é tarefa dos pais ou responsáveis proporcionarem aos seus filhos oportunidades de ouvir histórias e manusear livros.

Sabemos que os educadores enfrentam um forte dilema devido ao grande desinteresse dos alunos pela leitura, o que ficou mais acentuado com o advento da internet e o uso excessivo das redes sociais. Existem outras formas de diversão considerada bem mais atrativas do que a leitura. Muitos alunos relatam a falta de paciência, concentração, falta de um ambiente adequado, falta de tempo, lapsos de memória, que os impedem lembrar de trechos lidos anteriormente e muitas outras justificativas. Além disso, a escola oferece muitas facilidades e inúmeras atividades que o aluno deve cumprir e desempenhar em tempo hábil.

Na maioria das vezes a leitura é utilizada para responder exercícios morfológicos e sintáticos ou pior, é cobrada pelos documentos oficiais que exigem a formação de um leitor proficiente e o professor se vê obrigado a trazer textos que expressam as aspirações da atualidade que nem sempre despertam o interesse e a curiosidade dos alunos. Diversas pesquisas mostram que a leitura literária está inserida dentro de um sistema rígido e inadequado que não favorece o despertar do interesse por parte do aluno. Por isso, cabe ao professor realizar um trabalho que favoreça um ambiente propício com textos que despertem o interesse e alarguem o horizonte de expectativas dos leitores, preparando-os para receberem outras leituras.

No entanto, com relação à criança as abordagens são diferenciadas. Cabe à escola respeitar a leitura de cada criança, pois cada uma lê de forma diferente do adulto, do mesmo modo que, não só o adulto, mas também a criança lê de acordo com a sua capacidade intelectual de compreensão. E, também, por não possuir ainda o domínio da leitura e da escrita, ela necessita da ajuda da escola e da família, que irá fazer a leitura por ela. Mesmo no papel de ouvinte, a criança é capaz de construir um sentido para a leitura. Além disso, existe uma grande diversidade de leituras. Uma criança de uma classe social elevada não lê da mesma forma que uma criança menos favorecida, assim como uma criança cuja família incentiva hábitos de leitura ou que simplesmente possui o hábito de manusear o livro, lê de forma diferente daquela criança que vive em ambiente sem nenhum estímulo para leitura.

Isso mostra que cada uma lê do seu modo e de acordo com o seu mundo interior. Na Educação Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental, cabe ao educador criar estratégias

que favoreçam as crianças a interagirem com os textos, propiciando condições para que elas se posicionem diante da leitura através de cenários, diálogos, personagens, fantoches, trilhas musicais, encenações e inúmeras outras possibilidades para que possam interagir e construir sua própria interpretação.

A leitura literária destinada para o público infantil (e até o adolescente) precisa ser vista como algo que contribua para o prazer, como também algo que responda aos anseios e aspirações da vida cotidiana, não se resumindo a um simples pretexto de trabalhar atividades escolares. Muitas vezes, a criança não tem o direito nem de escolher o livro que quer ler, aquele cuja ilustração da capa lhe chamou mais a atenção, pois a escola apresenta um número reduzido de exemplares ou o docente faz a escolha, não levando em consideração as preferências da criança, que muitas vezes é conduzida e obrigada a levar para casa um livro que não lhe proporcionou nenhum interesse, o que contribui para intensificar seu desinteresse pela leitura. Para evitar esses contratempos, o ideal seria possibilitar as crianças bibliotecas, feiras de livros ou outros eventos os quais elas tivessem a liberdade de folhear, manusear, escolher, buscar, achar, pensar, até encontrar o livro que mais lhe agrade.

Essas atividades devem fazer parte da rotina da escola. Seria interessante que o docente fizesse uma sondagem, para saber se a criança realmente se identificou com a leitura, o que mais lhe chamou atenção, quais os personagens, qual o assunto da história, o que ela aprendeu com a leitura, se ela gostou ou detestou o livro escolhido. Essa técnica faz com que a criança construa sua própria opinião e comece a desenvolver critérios para a escolha das próximas leituras e a se interessar por elas.

3.1 A literatura e seu poder educativo

Ao refletir sobre a natureza educativa da literatura, para Zilberman (2008) desde o mundo grego até os dias atuais essa natureza foi intensamente transformada a partir do momento que a produção literária passou a integrar o currículo escolar. Ao analisar circunstâncias e fatores acerca desse papel educativo, ela percebe que a literatura não educa mais, não está exercendo sua verdadeira função, pois “o tipo de comunicação com o público, antes direto, foi institucionalizado e deixou de ter finalidade intelectual e ética, para adquirir cunho linguístico” (ZILBERMAN, 2008, p. 20).

Em um passado não muito distante tínhamos um contato direto com os livros de literatura, os contos de fadas como A Bela Adormecida, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, A Bela Adormecida, Os Três Porquinhos e outros sempre nutriam o

imaginário infantil fazendo a criança refletir por mais que esses personagens passassem por dificuldades no final sempre haveria um auxílio, uma mudança, uma transformação, uma redenção, uma superação de um conflito. No que se refere a literatura infantil brasileira, sempre nos deleitamos com as histórias das Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato, O sítio do pica-pau amarelo e muitas outras histórias que contribuíram para a imaginação e fantasia de muitas crianças.

Mas, os tempos são outros, temos a internet que nos possibilita bibliotecas virtuais gratuitas, que para termos acesso basta utilizar o celular ou tablet para realizar qualquer leitura em qualquer lugar. O livro de literatura sempre foi considerado um artigo de luxo no passado, cujo valor fazia com que poucas crianças tivessem acesso. Hoje, para aqueles que têm acesso a internet e possuem um aparelho celular, podem ter acesso a uma diversidade de leituras. No entanto, esse excesso de facilidades em vez de aproximar e conquistar mais leitores acabou afastando a maioria deles. Quem usa a internet e as redes sociais possui outros interesses e o grande volume de informações impossibilita uma escolha e uma seleção adequadas, deixando na maioria das vezes, o leitor perdido e desorientado.

Na escola, muitas crianças têm acesso à internet, bibliotecas com empréstimos semanais de livros, cantinhos de leitura e muitas outras atividades, porém o desinteresse está sendo crescente e preocupante. Diante de tantas circunstâncias adversas, Zilberman (2008) afirma que a literatura perdeu o seu caráter educativo porque não está mais existindo essa fantasia, imaginação e deleite por parte do leitor. Ler e ouvir histórias com o intuito de “fazer viagens pelo mundo da leitura” é uma atividade extremamente criticada pelo pragmatismo burguês que não aceita uma atividade que não possa ser aplicada para uma finalidade específica, que não gere resultados imediatos e nem gere lucros.

Porém, o que as pessoas necessitam compreender é que a obra literária não é um instrumento aleatório, ela utiliza a realidade como pano de fundo e através da imaginação do escritor, consegue detectar os dilemas pelos quais passa a sociedade e os conflitos dos personagens preparando a mente do leitor para enfrentar os problemas e buscar as possíveis soluções. Para Zilberman (2008) ainda acrescenta que por mais que a vida humana seja atribulada, a leitura da obra literária perpassa pela realidade e faz com que o leitor se identifique com algum personagem ou alguma situação que o ajude a ultrapassar uma condição de insatisfação para uma situação desejada, pois a literatura tem o efeito de redenção.

Apesar de todo esse efeito benéfico e redentor que a literatura proporciona, quando falamos em ensino de literatura no Brasil, nos deparamos diante de uma realidade delicada e

caótica. Dependendo do tratamento que o professor dê a literatura, ela pode ser um instrumento transformador ou um texto aleatório e cansativo para o aluno, tudo dependerá da forma que ela será trabalhada na sala de aula. Para evitar o mau tratamento do texto literário é preciso que o professor goste de literatura e procure dar sentido ao texto literário, tendo consciência de sua importância e do prazer, que pode ou não, ser proporcionado pelo ato de ler, sem ser necessário dizer ao aluno. Pois cabe ao aluno perceber, em dado momento de seus estudos, essa importância e o prazer vivenciado na leitura proporcionada pela escola/professor.

Nesse sentido, o leitor proficiente, será aquele que conseguirá ler um texto e extrair seu sentido, nutrindo uma atividade prazerosa que desperte o seu interesse para buscar outras leituras, alargando seu horizonte de expectativas, para tanto é imprescindível o diálogo entre o professor texto e aluno.

No entanto, isso não está acontecendo na maioria de nossas escolas, nos deparamos com sérios problemas no ensino da literatura, presenciamos exigências para cumprir conteúdos, seguir currículos e roteiros propostos por livros didáticos, que na maioria das vezes reduzem o potencial literário dos textos. O excesso de atividades descontextualizadas apenas para fins burocráticos e conteudistas afasta por completo o aluno, que abandona essa atividade por não conseguir ver prazer e nem sentido. Zilberman (2008) acredita que é nesse sentido que a escola dificulta, impossibilita ou até destrói o caráter educativo da literatura.

Diante dessa problemática é preciso que o professor seja um leitor, pois ele é o único capaz de proporcionar a aproximação entre o aluno e a obra literária. Vivemos tempos difíceis, marcado pelo individualismo e banalização dos valores éticos e estéticos. A obra de arte é questionada quanto a sua utilidade, pois muitos já a colocaram no patamar da inutilidade por não cumprir com os preceitos burgueses e não corresponder às exigências e expectativas da sociedade capitalista. Por isso, apenas o professor poderá dar sentido a obra literária no currículo escolar no exercício de sua função de formador de leitores.

3.1.1 A literatura infantil no contexto das tecnologias: desafios e esperanças

A formação de leitores é um grande desafio em qualquer etapa da Educação Básica. No ensino presencial acredita-se que os professores tenham mais liberdade para desenvolver

na criança o gosto e o interesse pela leitura, pois os momentos de sala de aula oferecem inúmeras possibilidades para se desenvolver atividades atrativas como o continho do livro, rodas de leitura, contação de histórias, visitas a biblioteca, encenações entre muitas outras. Nessas estratégias de leitura o docente utiliza inúmeros recursos como fantoches, cenários coloridos, roupas caracterizando os personagens, materiais ilustrativos, música, canto, dança e demais recursos.

Todas essas atividades têm como objetivo despertar o potencial imaginativo da criança estimulando a sua atenção e criatividade para que ela possa no futuro enfrentar e resolver os problemas da vida cotidiana. Os documentos oficiais aconselham fugir das práticas tradicionais e cristalizadas trazendo novidades para a sala de aula que desperte o espírito leitor.

Mas, como o professor poderá despertar o interesse das crianças e desenvolver o leitor crítico e competente em ambiente virtual? Sabemos das dificuldades que professores e alunos tiveram com o ensino remoto, desde a falta de acesso a equipamentos e a internet, até a falta de preparo dos docentes para trabalhar com as novas tecnologias. Apesar dos problemas existentes não podemos negar que as tecnologias trouxeram novas perspectivas para o desenvolvimento de estratégias que nos oferecem novas possibilidades de cenários educacionais e ambientes atrativos para desenvolver o gosto e o prazer pela leitura.

Novos horizontes são vivenciados através do computador, aparelho celular ou tablet, os quais oferecem ambientes estimulantes que conduzem as crianças a construir o conhecimento. Hoje, a internet é nosso atual ambiente pedagógico oferecendo livros em versões digitais, ambientes virtuais preparatórios para leituras, contos e histórias infantis em formato de vídeos. A cada dia surgem novidades para o mundo da literatura infantil.

Já que as crianças já nascem dentro da cultura digital cabe a escola acompanhar esse acelerado processo de informação da sociedade, fazendo com que as crianças interajam em sala de aula com os livros digitais, escutando as histórias, escolhendo as leituras e compartilhando as informações. Essas estratégias didáticas devem acompanhar o avanço tecnológico, mas também devem valorizar as experiências das crianças, favorecer as discussões em sala de aula, abrindo espaço para que elas compartilhem com suas falas e opiniões.

Mesmo com o retorno das atividades presenciais, o ensino jamais será o mesmo. O tempo que vivenciamos o Ensino Remoto nos possibilitou novas reflexões e a utilização de novas estratégias de leituras que contemplem a realidade virtual de nossas crianças é algo a ser pensado e colocado em prática. Nesse sentido, o ambiente escolar deverá possibilitar as

crianças e aos docentes meios que enriqueçam as estratégias didáticas, para que a instituição acompanhe o avanço tecnológico através de alternativas que irão contribuir para o aprendizado das crianças. Mas para que isso aconteça é preciso que os educadores utilizem teorias que forneçam subsídios para que possam ser realizadas aulas realmente voltadas para uma educação em ambiente digital.

Para a continuidade das aulas em ambiente virtual, sabe-se que a maioria das instituições utilizaram o aplicativo Whats App a fim de criarem um grupo para decidirem as estratégias que seriam adotadas nas aulas. Em seguida, foi criado um e mail institucional para cada aluno e professor terem acesso às aulas em ambiente virtual a partir do Google Classroom. Mas, para dar prosseguimento a um projeto de leitura voltado para Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, conforme Monteiro, Silva e Medeiros (2020), muitos docentes perceberam a necessidade de utilizarem outras estratégias, como a plataforma YouTuber, com o objetivo de dinamizar as aulas a partir da exibição de vídeos diversos.

Além disso, muitos professores utilizaram aplicativos diversos para as videoaulas tais como: Screem Recorder, VideoMaker, Com-campac vídeo, Movavi, e muitos outros. Essas estratégias, segundo Monteiro, Silva e Medeiros (2020) contribuíram para a realização de um projeto de leitura em ensino remoto, fazendo com que as aulas gravadas, os recursos ilustrativos e a contação das histórias pudessem estimular a imaginação das crianças, desenvolvendo o interesse das mesmas pela leitura.

As rodas de leituras virtuais, segundo relato das autoras citadas, com empréstimos de livros em PDF e gravação de vídeos de leituras através do celular, no início do processo não foi uma tarefa fácil, o que necessitou do envolvimento das famílias. Com o passar dos meses, os familiares obtiveram uma maior adesão e passaram a participar ativamente dos momentos de aprendizado da leitura com as crianças. Todo esse engajamento também possibilitou na ampliação das estratégias utilizadas a partir de novos instrumentos como: infográficos, podcasts, jogos educativos, Google Forms, Planilhas, Google Slides, Google Drive, Trello, Padlet e demais recursos do G-Suite permitiram o acompanhamento das atividades e avaliação de estudantes em diversas Redes de Ensino do Brasil.

No final do processo as autoras puderam constatar, através de relatos de professores, que as rodas de leituras virtuais foram muito produtivas, pois contaram com a participação das crianças, das famílias e puderam perceber o envolvimento e o despertar do prazer que essa atividade proporcionou. Diante do exposto, percebemos que a utilização de aplicativos, livros digitais e o trabalho com gêneros textuais diversos foram capazes de estimular o interesse das crianças e o seu encantamento diante da leitura de um texto literário, o que comprova que

independentemente do contexto virtual ou presencial, o professor ainda é o único responsável por despertar na criança um futuro leitor. Nessa perspectiva, compreendemos que o trabalho docente é o maior diferencial para que qualquer projeto na área de leitura tenha êxito.

4 UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA CRIANÇAS EM CONTEXTO VIRTUAL PRODUZIDA POR ALUNAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

O ensino remoto na Educação Infantil tem gerado muitos questionamentos e incertezas para os educadores e para as famílias. A tentativa de se evitar a evasão das crianças e garantir novas matrículas tem sido um grande desafio. O que geralmente é realizado nas creches e pré-escolas não combina com o ensino a distância, pois a principal atividade nos primeiros anos de vida da criança é a socialização, a convivência e a interação, que apenas o estar junto é capaz de proporcionar. Os problemas são inúmeros que vão desde a falta de acesso à internet de boa qualidade, falta de condições financeiras dos pais, mudanças na rotina das famílias e evasão.

Mesmo com o acesso à internet, enfrentam-se problemas como crianças falando com o microfone desligado sem serem ouvidas, falta de formação dos professores para trabalhar em contexto virtual, disponibilidade de alguém na casa para auxiliar na conexão à sala virtual e na execução das atividades, providenciando todo tipo de material como papel, cola, tesoura, lápis de cor, revistas, embalagens, tubos entre outros. Muitos profissionais têm enfrentado árduas batalhas para proporcionar algum tipo de atividade lúdica e instigante durante a pandemia. É necessário se pensar em alguma prática que compense, de alguma forma, a falta que a escola faz. Buscar maneiras de despertar o interesse e engajar as crianças tem sido o objetivo primordial da Educação Infantil no contexto das aulas remotas.

Foi pensando na possibilidade de atender os anseios da criança em ensino remoto, que elaboramos atividades para serem vivenciadas na Educação Infantil. O *corpus* que deu origem a nossa pesquisa foi elaborado nas disciplinas de Artes e Estágio Supervisionado III- Educação Infantil. Nessas disciplinas foram produzidos vídeos curtos, baseados em obras literárias, como também vídeos produzidos a partir de histórias criadas pelas próprias alunas: “O Girassol”, de Vinicius de Moraes, “João Preguiçoso”, de Tony Ross, “A menina e a estrela”, de Beatriz Veloso Alves, “A dura vida do gato miau”, de AS (aluna de Pedagogia), “O mistério da floresta”, de RR (aluna de pedagogia), “A tartaruga que queria voar” (autor desconhecido) e “O chá da dona Lalá”, de Lucia Hiratuka. Nossas vivências foram apresentadas nos dias 17 de abril de 2021 na disciplina de Artes e 13 de setembro de 2021 na disciplina de Estágio Supervisionado III- Educação Infantil. Inicialmente, relataremos as

vivências apresentadas na disciplina de Estágio Supervisionado III, por serem apenas dois vídeos escolhidos para análise, o restante dos vídeos, que foram produzidos na disciplina de Artes serão analisados na segunda etapa dessa pesquisa.

4.1 Atividades vivenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado III- Educação Infantil

A live realizada para a apresentação desse projeto na disciplina de Estágio Supervisionado III- Educação Infantil permitiu que alunos e alunas dessa disciplina falassem sobre suas vivências para a professora e os outros colegas trazendo atividades como músicas, contação de histórias, encenações, apresentação de vídeos, desenhos, recortes e confecção de objetos com papel. As atividades foram pensadas com o intuito de obter a atenção das crianças por mais tempo em frente a um computador, tablet ou celular. A realização das atividades não presenciais propostas pelo nosso projeto teve como foco as vivências das crianças, seguindo os campos de experiências e os objetivos de aprendizagem previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O campo de experiência escolhido foi “Traços, sons, cores e formas” e a partir dele, trabalhamos as cores e formas geométricas cujo objetivo geral foi proporcionar às crianças possibilidades de ludicidade, desenvolvimento da autonomia, motricidade e criatividade a partir das atividades mediadas. Nossos objetivos específicos voltados para o ensino remoto foram: identificar as cores e suas ambientações, adquirir familiaridade com as formas geométricas de maneira oral, material e sensorial, trabalhar a contação de histórias, além de conhecer o gênero textual receita a partir da encenação do “Um chá na casa de dona Lalá”. Essas atividades foram vivenciadas no dia 13 de setembro de 2021.

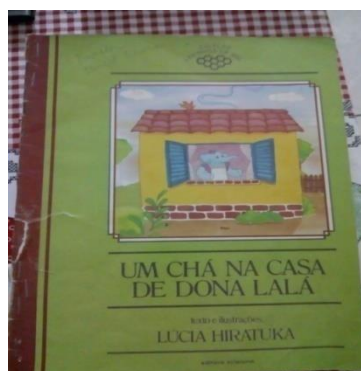
A teatralização da história do livro “Um chá na casa de dona Lalá”, de Lúcia Hiratuka foi a primeira atividade apresentada na aula. Essa história foi adaptada pela aluna MR com sua família (marido e duas filhas) em uma breve encenação. O cenário da história foi a cozinha da casa da família e cada membro representou um animal da floresta, os quais fizeram o uso de tiaras com as orelhinhas dos animais, que eram os personagens da história. A apresentação da história cujo tema foi “o chá” introduziu o gênero textual receita, o que deixou a encenação muito criativa e interessante. Sabemos que trabalhar em ambiente virtual

com crianças é algo extremamente desafiador, mas a estagiária MR mostrou que o docente pode utilizar metodologias diversificadas e acolhedoras fugindo de práticas cristalizadas que o ambiente virtual também pode proporcionar.

O cenário da história vivenciada pela família foi a cozinha, a aluna MR encenou a elefanta Lalá que preparou a mesa com os utensílios necessários para o chá. Ela aguardava os outros animais chegarem para participar do chá da tarde. Eles estavam percorrendo a floresta e quando chegaram à casa da elefanta relataram os desafios que passaram. Lalá já tinha colocado os biscoitos no forno, cujos ingredientes eram margarina, farinha e açúcar. Em seguida, chega Zuzú, o coelho que trouxe um bolo de cenoura. Ele disse que teve que fazer um longo percurso para enganar as formigas que queriam tomar o bolo.

Depois, chega uma girafa que fala dos problemas que teve com um macaco. Por fim, chega à vaquinha Mimosa que trouxe doces de leite. Ela falou dos perigos que passou ao correr das abelhas que queriam seus doces. Todos concordaram que a floresta era um lugar perigoso e tinham que ter muito cuidado para atravessá-la. A mesa é preparada com todas as guloseimas, inclusive os biscoitos quentinhos. O chá parecia delicioso e os doces muito apetitosos, na hora da degustação, o coelho usa o violão e toca uma música específica para esse momento tão especial, que é comemorado com muita dança e alegria.

Foto 1- Obra da literatura infantil que foi a inspiração da dramatização



Fonte: Fotos enviadas pelo WhatsApp

Foto 2- Tiaras representando os personagens: Vaquinha Mimosa, Elefanta Lalá, coelho Zuzú e a girafa



Fonte: Fotos enviadas pelo WhatsApp

Essa história do chá da dona Lalá encenada, ao ser praticada na Educação Infantil e na formação das crianças, ajuda a entender o mundo em volta delas. A história transmite valores como a importância do convívio familiar, estimula as emoções, pois a união dos personagens encenados por membros de uma mesma família com a participação das crianças proporciona um momento de união, confraternização e troca de experiências, uma vez que os valores culturais de um povo estão impressos nessas práticas. A história foi capaz de despertar a imaginação, emoções, interesses e expectativas dos adultos, o que será capaz de proporcionar os mesmos sentimentos nas crianças.

O Chá da dona Lalá encenado é um excelente recurso para despertar o lado lúdico da criança desenvolvendo a criatividade e senso crítico, além do gosto pela leitura, pelo teatro e pela linguagem, pois a criança cria empatia com os personagens. Essa estratégia é bastante poderosa no ensino presencial e no ensino remoto foi trabalhada de forma organizada, com uma metodologia criativa, apropriada e capaz de atrair as crianças para no futuro serem leitoras proficientes.

Vale destacar que nessa atividade a aluna/estagiária MR procurou chegar mais perto da criança. Ela não se prendeu a vídeos prontos narrados por outras pessoas, expondo metodologias direcionadas e limitantes. Pelo contrário, criou seu próprio espaço, com os recursos que compõem o seu cotidiano, mostrando que a Educação Infantil no contexto remoto, embora complexa, precisa fazer com que o profissional repense em uma nova didática. Para Carvalho e Fochi (2016, p. 158), “o investimento não pode estar [apenas] no ensino mas concentrado em criar contextos favoráveis para as diversas possibilidades de aprender. Por isso, apostamos em ter as práticas do cotidiano como direção e sentido da ação pedagógica”.

Dando continuidade, a próxima vivência realizada foi a contação da história “A menina e a estrela”, de Beatriz Veloso Alves. Essa atividade foi adaptada por mim, pois procurei fugir um pouco do enredo da história original. A história narrou a trajetória de uma estrelinha que estava muito longe da Terra. Nas noites de luar, as pessoas gostavam de pegar seus barcos para passear no mar, durante a noite e apreciar a beleza do céu, porém ninguém via a estrelinha, que se ofuscava diante das cores das outras estrelas. Em uma noite, uma menina muito triste passeava em seu barco para esquecer os problemas. Foi nesse momento que avistou a estrelinha e a partir daquele dia começou uma longa e forte amizade. Após ter conhecido a estrelinha, a menina passeava de barco todas as noites para ter contato com a amiguinha. Apesar da distância, elas conversavam por horas e esse diálogo trazia segurança e felicidade. Diante disso, a menina nunca mais ficou triste, pois descobriu que tinha uma forte amizade a distância. A menina e a estrela, ambas tinham uma a outra.

Essa história conta de forma implícita o surgimento das amizades e amores a distância, que nesse contexto da pandemia ficaram mais fortes. Além disso, a história também faz refletir de forma explícita acerca da necessidade de olhar o céu durante a noite. Vivemos em uma sociedade marcada pela pressa, o tempo é controlado e insuficiente para desempenharmos as atividades diárias, o que leva ao estresse, ansiedade e tristeza. É preciso parar e olhar a natureza, entrar em contato com a calma e a paz, que o céu e o barulho das ondas do mar nos proporcionam para recarregarmos nossas energias. Olhar o céu e as estrelas brilhantes, conversar com elas, sentir o som do mar são práticas que aguçam a sensibilidade infantil, levando as crianças à reflexão, pois são práticas que ajudarão compreender o mundo a sua volta, de acordo com a linguagem delas e a maneira delas.

A contação de histórias teve um grande papel na evolução da humanidade, pois os valores culturais de um povo estão impressos nessa prática. Elas despertam a imaginação, as emoções, os interesses e as expectativas dos seus ouvintes. Na Educação Infantil é uma excelente ferramenta para ajudar as crianças na observação, reflexão e memória, sensações experimentadas por quem escuta uma história. Outro benefício da contação de histórias é despertar a criança para a prática da leitura no futuro. O contato com os livros por prazer fará com que a criança tenha contato intenso com seu idioma nativo expandindo o seu vocabulário.

Para contar a história virtualmente escolhi como cenário o mar e o céu. Na construção desse cenário utilizei uma folha de EVA preta com algumas estrelinhas coloridas cortadas e coladas na folha, representando o céu noturno. Como o objetivo do projeto era trabalhar as cores e formas, procurei elaborar uma atividade que não fugisse desse tema, por isso verbalizei a cor de cada estrelinha. O mar foi representado por uma saída de praia de

tecido com desenho de mar e peixinhos. Também recortei e pintei três peixinhos em EVA. As personagens eram três, duas secundárias e uma principal, que era a menina que conversava com a estrela verde. Todas as personagens passeavam sobre o mar em seus barcos de madeira. Antes de contar a história coloquei a música “a menina e a estrela” mas o som saiu muito baixo pois estava utilizando um aparelho celular. Ao colocar o som das ondas do mar, percebi que foi melhor escutado, porque esse som não apresenta pausas, possui um tempo longo e é de fácil controle.

Fotos 3 e 4: cenário marítimo da história ‘A menina e a estrela’ e personagens (a menina de vestido azul personagem principal e as outras personagens secundárias)



Fonte: Fotos enviadas pelo WhatsApp

Fotos 5 e 6: barcos que percorriam o oceano e o céu estrelado durante a noite



Fonte: Fotos enviadas pelo WhatsApp

Esse som é chamado de “binaural beats” que segundo a enciclopédia Wikipédia “são sons aparentes que se originam quando o cérebro integra dois sinais sonoros que são apresentados dicotomicamente e de frequências próximas, que por sua vez produzem a sensação de um terceiro som”. Achei necessário colocar esse som, pois ele além de trazer a sensação de paz e proximidade com a natureza, tem a capacidade de maximizar o desempenho cognitivo, aumentar o foco, melhorar o sono e reduzir a ansiedade, o que pode ser bastante benéfico para o desempenho das crianças. Os chamados sons ou batidas “binaurais” podem nos ajudar a alterar a frequência das ondas cerebrais aumentando o nosso desempenho. No entanto, é preciso saber utilizar o som adequado para cada momento. Eu utilizo diariamente e obtenho excelentes resultados.

Contentei-me apenas em contar a história. No início pensei em fazer alguma atividade com a turma, mas pensei muito e percebi que o texto literário, abordado a partir da contação de histórias, não pode ser utilizado apenas como pretexto para se exigir atividades. A contação de histórias por si, já é uma atividade capaz de desenvolver múltiplas competências nos adultos e nas crianças. Também não fiz perguntas do tipo: Que acharam da história? Ou quem são os personagens? Acredito que após essa atividade, a criança deverá ficar livre para expressar-se, dizer com suas palavras, a partir de sua reflexão, o que compreendeu da história. A partir daí, crianças e educador poderão dar início a um diálogo que terá como base na voz da criança.

A esse respeito, Carvalho e Fochi (2016, p. 158) reforçam que o adulto não controla o pensamento infantil. “As crianças aprendem muito além dos momentos que o adulto estabelece em seu planejamento e orientação. As crianças aprendem em seus próprios percursos, com seus pares, nas interações com as coisas e, também, nas transmissões da cultura e dos adultos”. Levando em consideração o ponto de vista dos autores, compreendi que cada educador é capaz de criar seu próprio cenário e dar vida a sua contação de história, construindo uma pedagogia mais receptiva aos acontecimentos extraordinários e mais interessada na escuta dos anseios e necessidades infantis.

Encerrando a descrição das atividades do Projeto “Descobrimo um mundo de cores, formas e movimentos” da disciplina citada, percebe-se que, a proposta baseada nos campos de experiências da BNCC não deixa de dialogar com o que já foi proposto pelas DCNEI. A abordagem das “experiências concretas da vida cotidiana” impulsiona muitos profissionais a descartarem as atividades programadas e pensarem em uma Educação Infantil mais voltada para os tempos e espaços constituidores de linguagens e relações infantis, considerando também atividades que acolhem e valorizam a complexidade do contexto virtual.

4.1.1 Atividades vivenciadas na disciplina de Artes

As vivências da disciplina de Artes tinham o intuito de trazer a arte cinematográfica para o cotidiano infantil através da tela. Como sabemos, a internet dispõe de uma série de vídeos e filmes curtos para serem apreciados e trabalhados com as crianças. No entanto, a professora titular da disciplina destacou a importância de se criar os próprios vídeos a fim de expandir a criatividade das futuras pedagogas e levar novas formas de abordagens para crianças em ambiente virtual. O momento não era propício para se elaborar cineminhas a partir de materiais e objetos diversos e se contentar apenas em apresentá-los nos encontros remotos. Era preciso explorar esse momento de distanciamento da universidade e pensar em novas propostas e abordagens que contemplassem o cinema e a literatura de forma prazerosa em ambiente virtual. Então, cada aluna ficou com a tarefa de produzir seu próprio vídeo a sua maneira. Algumas produziram vídeos com base em histórias da literatura infantil brasileira, enquanto outras alunas foram mais além e criaram suas próprias histórias.

As vivências intituladas “Literatura e cinema” foram apresentadas no dia 17 de abril de 2021. Os vídeos trabalhados nessa segunda etapa foram: “O Girassol”, de Vinicius de Moraes, “João Preguiçoso”, de Tony Ross, “A dura vida do gato miau”, de AS (aluna de

Pedagogia), “O mistério da floresta”, de RR (aluna de pedagogia) e “A tartaruga que queria voar” (autor desconhecido). Os cenários e os personagens que foram exibidos nos vídeos foram produzidos com a utilização de recursos simples como papel ofício, papel crepom, cartolina, cola, lápis de cor, giz de cera, tesoura, EVA, tecidos coloridos e outros materiais usados para a construção de cenários.

Vale destacar que não usamos nenhum recurso que consumisse tempo e dinheiro. A simplicidade dos materiais e a imaginação das alunas foi o diferencial para que pudéssemos realizar um projeto com o intuito de despertar e conquistar futuros leitores. Nenhum material foi adquirido para essa finalidade, trabalhamos com os materiais que tínhamos em casa naquele momento. Também não foi determinado nenhum tema, deixando a cargo das alunas a escolha da temática e do recurso, que foi totalmente baseado na criatividade das discentes, incluindo a confecção dos cenários e dos personagens. A maioria utilizou a própria voz a fim de fazer a dublagem dos personagens. Alguns “efeitos especiais” foram incorporados à apresentação, a fim de trazer mais suspense, como a utilização de velas e lanternas com a luz apagada, para realçar um efeito sombrio. Tudo foi realizado de acordo com a livre escolha das alunas. A única coisa que combinamos foi o período de tempo destinado à gravação dos vídeos que não podia ultrapassar os 3 minutos.

A apresentação dos vídeos fez com que refletíssemos acerca dos modos de olhar e escutar das crianças. Muitas vezes nos questionamos acerca da função da obra de arte para o mundo infantil, pois o adulto impregnado das responsabilidades e do fardo da vida cotidiana dificilmente terá condições para realizar uma apreciação atenta e minuciosa. Alguns vídeos foram produzidos com base em uma obra literária, ou ainda baseados na tradição oral de contar histórias. Já outros, foram criações das próprias alunas, que inventaram suas histórias. Nas apresentações, vídeo e obra literária se fundiram nos fazendo um convite para enxergarmos a beleza do mundo, bem como aquilo que está escondido seja distante para uns, próximo para outros. Todos os vídeos apresentados nesse capítulo foram propostas para o trabalho da leitura literária para crianças seja em ambiente virtual ou presencial com a intermediação das tecnologias. Agora, passamos a analisar os vídeos trabalhados.

4.1.2 “O Girassol” de Vinícius de Moraes e as múltiplas linguagens infantis

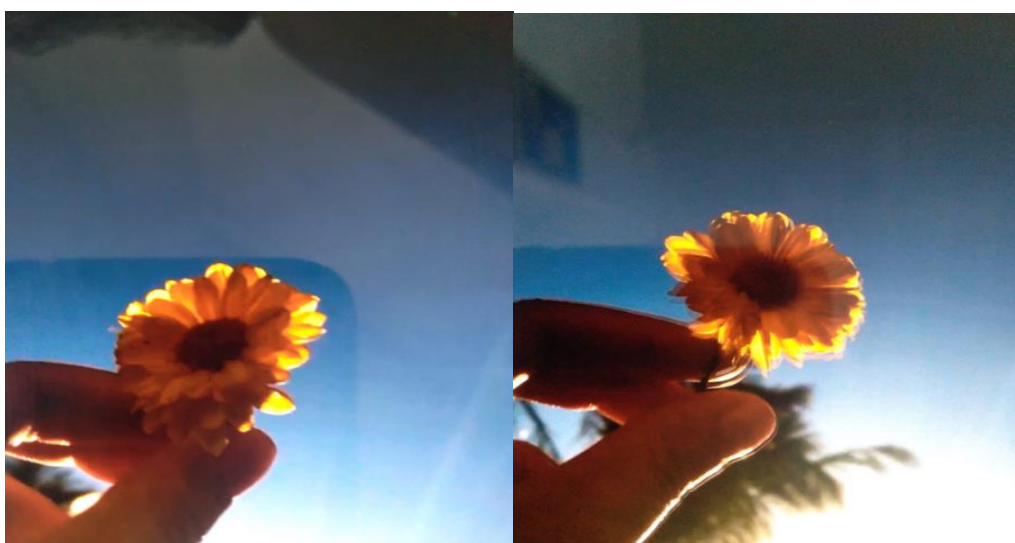
O poema “Ô Girassol” de Vinícius de Moraes foi o primeiro a ser trabalhado em nossas aulas. No vídeo gravado, a narradora recita todo o poema não abrindo mão das rimas e da melodia através das palavras: “sempre que o sol pinta de anil todo o céu, o girassol fica um

gentil carrossel”, “Roda, roda carrossel, roda, roda rodador. Vai rodando dando mel, vai rodando, dando flor”, “Gira, gira girassol, Redondinho como o céu, Amarelinho como o sol”.Nesses versos percebemos que o autor utiliza um jogo de rimas bem estruturado e de fácil compreensão para as crianças.

As rimas e a sonoridade presentes no poema faz com que o texto seja divertido e atrativo para a leitura, pois brinca com a sonoridade das palavras, que são trabalhadas de forma que transmitam alegria, ritmo e movimento. O Eu lírico do poema percebe a flor denominada girassol como um carrossel que acompanha o movimento do sol, que girando atrai as abelhas que produzirão o mel. Trata-se de um ciclo natural, a essência da vida, o nascimento no raiar do dia e a morte simbolizada pelo pôr do sol.

No poema, aparece de forma sutil a relação dos elementos da natureza com o carrossel, que gira divertindo e encantando as crianças. Cada verso transmite sonoridade e sentimentos de liberdade, paz, nascimento e alegria. Na leitura do poema para crianças, o professor poderá utilizar alguns recursos como flores, desenhos, cenários em EVA e até um fundo musical para gravar um vídeo interessante que destaque a função da poesia, que terá como tarefa primordial transmitir sentimentos e emoções, a fim de desenvolver as potencialidades do público infantil. O que era para ser apenas um poema recitado toma forma através dos recursos da narradora, que escolhe a própria natureza como cenário e de frente para o sol forte e diante do céu azul cor de anil, pega uma pequena margarida simbolizando o girassol, fazendo movimentos giratórios com a flor em uma das mãos, ao mesmo tempo, em que recita o poema.

Fotos 7 e 8- Leitura do poema O girassol utilizando os elementos da natureza



Fonte: Fotos enviadas pelo WhatsApp

Nessa ação da aluna, podemos perceber que a linguagem do poema mistura-se a linguagem da natureza com seus recursos expressivos. Martins Filho e Altino José (2013) destacam que no processo de socialização das crianças, meninos e meninas apresentam múltiplas linguagens para se comunicarem entre si e também com os adultos. Das inúmeras linguagens apresentadas os autores destacam as linguagens não verbais como o gesto, o olhar, o movimento, o corpo, as posturas, o toque entre outras. No poema recitado, além da linguagem verbal, também adentra nessa riqueza de detalhes elementos da linguagem não verbal: a linguagem do calor do sol, do azul do céu e da beleza da pequena margarida que fazendo movimentos giratórios imita o movimento da flor denominada “girassol”.

O poema narrado poderá ser apreciado por crianças, por apresentar essa diversidade de linguagens. Como sabemos, muitas crianças não se expressam verbalmente e utilizam diferentes formas de comunicação, para além da linguagem oral. Nesse poema, podemos perceber o quanto os professores necessitam ficar atentos para as diversas linguagens que as crianças utilizam, escolhendo textos e modos de abordagem que explorem ao máximo as formas não verbais da linguagem, como algo legítimo das manifestações e experiências infantis. O poema “O Girassol” define o que são e como podem ser trabalhadas as múltiplas linguagens das crianças.

Diante do exposto, cabe ao docente desenvolver um olhar e uma escuta atenta, como também a sensibilidade para que possa perceber o universo cultural infantil a fim de permitir que as crianças estabeleçam relações sociais de acordo com as subjetividades e potencialidades infantis.

4.1.2.1 “O mistério da floresta”, de RR: a representação da Sombra na literatura infantil

Ao realizarmos a abordagem do vídeo “O Mistério da Floresta” pelo viés das múltiplas linguagens, percebe-se que a criança terá a incumbência de criar um final para a história. Para gravar o vídeo, a narradora utilizou um cenário cinza e sombrio de uma floresta. Essa floresta apresentava um mistério que alguém deverá desvendar, pois as plantas estavam sumindo e os animais estavam com medo. Certo dia, uma menina de nome Maria foi brincar na floresta e percebeu coisas muito estranhas que aconteciam: a floresta não tinha cor, não havia plantas verdes, apenas alguns insetos solitários e grilos que emitiam uma canção sinistra, causando medo e insegurança para aqueles que precisavam percorrer aquela floresta.

Certo dia, apareceu uma girafa tímida e assustada e rapidamente desapareceu, em seguida surgiu um leão que caminhou alguns passos, parou no meio da floresta e também desapareceu. A narradora se pergunta: o que está acontecendo? Mas não obtém nenhuma resposta. A personagem Maria também sente a necessidade de descobrir o porquê dos animais e das plantas estarem desaparecendo misteriosamente.

Fotos 9 e 10: Cenário da floresta vazia e a floresta com a personagem Maria



Fonte: Fotos enviadas pelo WhatsApp

Fotos 11 e 12: Presenças do leão e da girafa na floresta



Fonte: Fotos enviadas pelo WhatsApp

A estética da Sombra nesse vídeo apresenta uma forte relação metafórica com a literatura. O lugar da sombra no discurso apresenta um papel relevante na sociedade ocidental. Escritores de diferentes épocas já utilizavam esse elemento estético na composição de suas obras descrevendo uma pluralidade de significados. *A Divina Comédia* de Dante Alighieri (2014) descreve esse efeito pavoroso quando as almas em regiões umbralinas (Umbral é outra nomenclatura usada para referir-se ao Inferno ou purgatório) provocam um sentimento de pavor e repulsa no personagem e ao mesmo tempo lhe faz realizar reflexões férteis e esclarecedoras. Muitas obras literárias, a exemplo da *Comédia* de Dante retratam o efeito polissêmico do recurso da sombra em seus textos, sejam poéticos ou narrativos.

Na literatura gótica esse elemento remete ao sobrenatural, ao oculto, aquilo que os humanos não conseguem explicar, por ser um fenômeno que está além do mundo real. Carl Gustav Jung (1980) ao realizar seus estudos acerca da psicologia do inconsciente, fala sobre os *arquétipos do inconsciente coletivo*. De todos os arquétipos, a Sombra é o mais ameaçador, representando os medos, defeitos, energias reprimidas, sendo considerado o “lado sombrio da personalidade”, o submundo da alma que armazena a parte mais primitiva do indivíduo. É o eu escondido onde estão nossos instintos mais primitivos, os egoísmos mais intensos, é o que a mente consciente rejeita e joga para as profundezas do ser.

Outro fato interessante no vídeo além da ausência de cores é a ausência das imagens dos personagens e das plantas. Existem apenas sombras da personagem Maria, do leão, da girafa e das plantas. A Sombra emitida à luz de vela produziu uma sensação fantasmagórica, como se a floresta fosse um lugar amaldiçoado e aqueles personagens fossem fantasmas que percorriam o local em busca de respostas na tentativa de compreenderem o que estava acontecendo com a floresta. Mas, não compreendiam nem indagavam o que teria acontecido com eles próprios. Na verdade, essas cenas se repetem há muitos anos e os personagens sempre estão no mesmo lugar, sem saberem que eles e a floresta são fantasmas. Talvez, eles saibam que algo terrível aconteceu, mas o impacto dessa descoberta seria muito doloroso, o melhor é rejeitá-lo, escondê-lo, esquecê-lo nas regiões mais profundas do Ser e continuar sua trajetória pela floresta. Tudo isso caracteriza o arquétipo da Sombra na literatura.

No vídeo “O mistério da floresta”, a autora explora o caráter animista da floresta encantada que ora aparecia, ora desaparecia, ninguém realmente sabia o que teria acontecido. A representação de uma floresta fantasma que aparecia e desaparecia, retrata um lugar intermediário entre a Terra, e o inferno. A personagem Maria, uma menina que sempre vai brincar ao final da tarde, talvez não saiba que já tenha morrido, sendo uma alma que carrega

consigo as memórias do passado, repetindo-as no presente, aguardando respostas em um futuro que nunca virá. De tempos em tempos aquele evento se repete e os personagens não conseguem compreender a realidade por não habitarem mais as zonas terrestres.

Nesse sentido, a sombra na literatura e em especial no vídeo mostra o seu caráter nefasto. As sombras do leão, da girafa e da menina Maria estão associadas à privação, a rejeição, ao medo e a insegurança. A floresta é um lugar sombrio, juntamente com suas personagens que percorrem o vale das sombras. As metáforas das sombras presentes nessa floresta têm muito a nos ensinar, as sutilezas do oculto enriquece a história trazendo um ar de mistério, encantamento e medo. O final da história fica a cargo do leitor ou do contemplador do vídeo que deverá estar atento à dinâmica que a sombra representa para o desfecho da história, o que finalizará ou dará continuidade ao tormento dos personagens.

Voltando para uma análise baseada no universo infantil, a fim de desvendar o mistério, a autora coloca inúmeras pistas para que a criança leitora e contempladora do vídeo possa refletir acerca de problemas reais que atingem as nossas florestas na atualidade. A sombra também simboliza infortúnio e as perdas que se misturam ao sumiço dos animais que em seu “silêncio” pedem socorro. Para se evitar a extinção total da floresta, algo deve ser feito e apenas a criança em sua esperteza e sua capacidade de desvendar os segredos da vida e da arte poderá criar um final inusitado para essa triste e ameaçadora realidade.

Para trabalhar essa atividade com as crianças, o docente deverá lançar um olhar e uma escuta atenta para as falas, interpretações, gestos e silêncios das crianças acerca do final da história. Quando o professor adulto possibilita um momento para que a criança se expresse transmitindo suas opiniões, medos, receios, angústias ou soluções, está dando oportunidades da criança se relacionar com seus pares e ser protagonista de uma história complementando-a com cenas ricas, originais e espontâneas.

Nessa perspectiva, Becchi (1994) citado por Martins Filho e Altino José (2013) destaca que dar a palavra à criança é o mesmo que abordá-la para além das figuras retóricas, permitindo a comunicação não apenas da linguagem verbal, mas também a linguagem do gesto, do signo, do movimento, do caminho e do sintoma, dando espaço e direito para que a criança possa se expressar da forma que melhor lhe convém. Por isso, na abordagem do texto literário com as crianças é necessário que os adultos reconheçam e considerem todas as linguagens como expressões, emoções e sensações corporais das crianças.

4.1.2.1.1 “A dura vida do gato miau”, de AS: o cotidiano das crianças

O vídeo “A dura vida do gato miau” foi produzido a partir de imagens de um gato que passa um longo tempo dormindo em uma cama bem macia e de uma menina peralta que está sempre em movimento e pretende chamar a atenção do gato dorminhoco para brincar com ela. O vídeo não possui a narração da autora que não verbaliza a história em nenhum momento. Ela coloca uma música divertida e passa as imagens deixando a cargo das crianças a compreensão e interpretação da história. Na história, a menina é mostrada como uma criança alegre e cheia de energia que tem um gato na sua casa. A “dura vida” do gato é relatada a partir do desejo de dormir apenas e não ser importunado pela menina. Mas a garota com sua ânsia de brincar, retira o gato de sua cama macia, deixando-o sonolento e entediado diante da insistência da menina.

O gato mostra que não quer diversão apenas sossego e retorna para a sua cama. Após várias tentativas para chamar a atenção do gato e retirá-lo da cama sem sucesso, a menina resolve encher uma caneca de água e jogar algumas gotas em cima do gato. Esse fica muito irritado, mesmo assim retorna para a cama e retira a água com suas lambidas. Essa cena simples e cotidiana dos gatos é retratada como “A dura vida” do gato miau. Essa “dureza” e “dificuldade” se resumem apenas no desejo de comer e dormir. Enquanto a vida dos humanos é dividida em várias tarefas diárias com muito esforço e dedicação para cumprir suas atividades, aos gatos cabem apenas as tarefas de comer e dormir.

Fotos 13 e 14: O gato miau e a menina



Fonte: Fotos enviadas por WhatsApp

Fotos 15 e 16: tentativas da menina de fazer o gato parar de dormir



Fonte: Fotos enviadas por WhatsApp

O vídeo trabalha com fragmentos decorrentes de um conjunto de narrativas (imagens) que complementam a história. A música alegre e descontraída traz um toque de animação e mais movimento para as cenas. Essa atividade poderá ser trabalhada pelo docente em dois momentos: no primeiro, poderá evidenciar os modos como às crianças irão perceber e relatar o cotidiano do gato da história. No segundo momento, poderá ser realizada uma roda de conversas com as crianças tendo como foco a discussão da vida dos animais de estimação, quem possui animais em casa e como é a rotina dos seus animais.

Esse tipo de atividade é muito interessante para acolher as especificidades das crianças pequenas. Isso só é possível se dermos atenção a assuntos que emergem do cotidiano delas, como também a partir da escuta recíproca dos protagonistas da instituição: crianças, famílias e profissionais. Cabanellas (2007) citado por Carvalho e Fochi (2016, p. 155) acredita que “é preciso iluminar a complexidade natural das atuações infantis”, a fim de encontrar metodologias e abordagens mais respeitosas e viáveis para as crianças favorecendo a ruptura dos limites que separa a cultura das crianças da cultura dos adultos. Na maioria dos casos, os acontecimentos do cotidiano das crianças não são levados a sério. A instituição de Educação Infantil não prioriza o cotidiano como importante e por isso, não são todos os profissionais que utilizam situações cotidianas nas jornadas das crianças nas escolas.

Diante do exposto, Carvalho e Fochi (2016) percebem que as crianças aprendem muito mais nos momentos que estão além daqueles que foram estabelecidos pelos adultos em seus planejamentos. As crianças aprendem em seus próprios percursos, nas interações com as situações cotidianas e nas transmissões das culturas e dos adultos. Por isso, é preciso a adoção de uma pedagogia aberta aos acontecimentos extraordinários que tenha interesse de considerar a complexidade das relações que adentram no contexto da escola. E para acolher a complexidade dessas atuações infantis, assegura os autores, que é necessário repensar a didática das instituições de Educação infantil. Cabe ao profissional criar contextos favoráveis para as diversas possibilidades de aprendizado, que a partir das práticas cotidianas darão sentido a toda a ação pedagógica.

4.1.2.1.2 “A tartaruga que queria voar”: reflexões sobre o desapego

O vídeo narra a fábula da tartaruga que queria voar, de um autor desconhecido. Pelo seu caráter curto e divertido, as fábulas são muito populares entre as crianças. Nas fábulas, as crianças encontram valiosas lições, pois esse gênero textual educa ensinando valores. O gênero textual fábula tem o objetivo de aconselhar ou alertar acerca de um perigo que poderá acontecer no mundo real. Esse texto, conforme Silva, Lopes e Oliveira (2018) traz ensinamentos, faz críticas, traz ironias ou mostra a luta por ideais, ensinando modos de agir de acordo com a ética estabelecida, cujo desfecho é denominado de *moral da história*, colocada em forma de provérbio, que leva o leitor a refletir acerca das experiências vivenciadas através do texto. Geralmente, apresenta animais como personagens, que possuem atitudes e comportamentos humanos.

A partir desse texto, o leitor poderá realizar mudanças em suas atitudes, sentimentos e ações, que poderá guardar para si algum aprendizado ou reflexão. Silva, Lopes e Oliveira (2018, p.154) ainda reforçam que a fábula poderá ajudar o leitor a “desenvolver uma personalidade saudável resgatando valores humanos, esquecidos e proscritos muitas vezes ao segundo plano”.

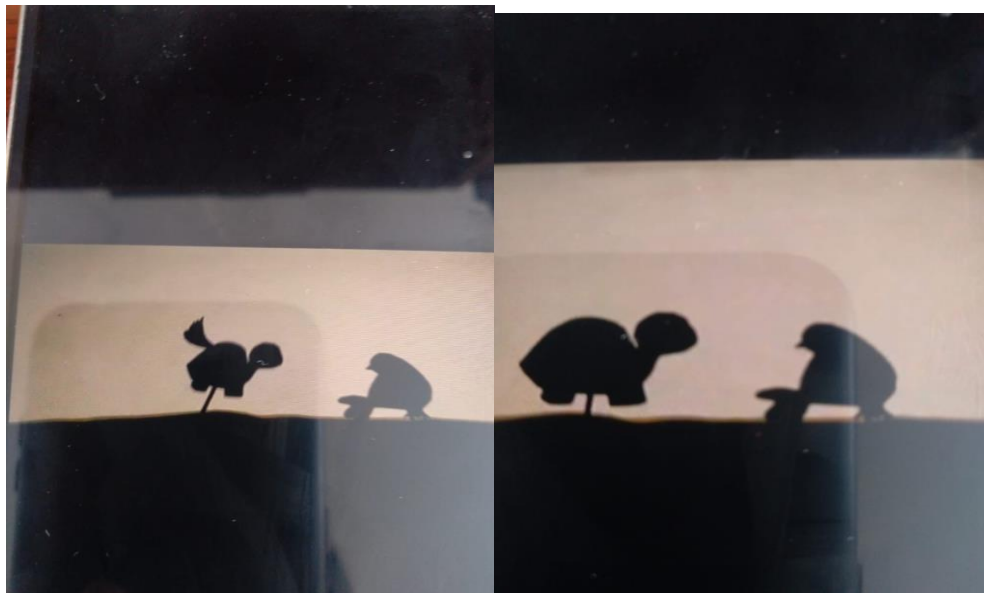
A história original fala de dois gansos que convidaram uma tartaruga para viajar com eles. Os gansos usaram um galho, cada um seguraria em uma parte e a tartaruga seguraria o galho no meio com a boca, a fim de realizar a travessia. No meio do caminho, a tartaruga ouviu os gansos zombando dela e muito irritada abriu a boca para se defender e caiu no chão espatifando-se toda. A moral dessa história é que um pequeno descuido pode ter sérias consequências. Existe ainda a fábula da tartaruga e da lebre. A tartaruga resolve desafiar a

lebre para uma corrida. A lebre por ser muito rápida fica se gabando de sua vitória antecipadamente. No dia da corrida, a lebre ultrapassa a tartaruga, mas seu excesso de confiança é tão extremo que encontra no meio do caminho um pasto verde e resolve parar, tira um cochilo e quando acorda percebe que perdeu a corrida para a tartaruga. Essa história ensina sobre o valor da humildade e dos perigos que o excesso de confiança pode trazer para alcançarmos nossos objetivos.

A partir dessa história a narradora do vídeo resolve contá-la fazendo algumas adaptações. Para isso, ela utiliza como recurso a sombra a partir da luz de uma vela. Mas aqui, a presença do recurso da sombra foi apenas para destacar a forma, o contorno dos personagens, tendo uma função diferente da sombra presente na história sobre “o mistério da floresta”. Essa fábula, criada e adaptada pela narradora, aborda uma conversa entre uma tartaruga e um pardal acerca do dinheiro.

A tartaruga havia ganhado muito dinheiro, por ter sido a vencedora da corrida que disputara com a lebre. Após sua vitória, a tartaruga guarda todo o seu dinheiro dentro do casco ficando cada vez mais pesada. Certo dia, ela encontra um pardal e conversam sobre a importância do dinheiro, nessa conversa a tartaruga expõe orgulhosa que possui muito dinheiro e este é capaz de comprar tudo que queremos e precisamos. O pardal indaga que não possui nenhum dinheiro, mas tem o dom de voar. No entanto, a tartaruga não pode voar.

Fotos 17 e 18: A tartaruga na tentativa de voar e a tartaruga desafiando o pardal



Fonte: Fotos enviadas por WhatsApp

A tartaruga temendo ficar em desvantagem desafia o pardal, dizendo que vai comprar um par de asas e ambos irão voar do alto de um penhasco. Isso é para o pardal ver que o dinheiro pode tudo e será capaz de fazer a tartaruga voar igual a ele. No dia do voo ambos se encontram no penhasco, a tartaruga usa as asas artificiais e quando tenta voar cai como uma pedra penhasco abaixo, enquanto o pássaro voa livremente. Mas, ao chegar ao chão, a tartaruga não morre e retira todo o dinheiro do casco, fica mais leve e consegue levantar voo até o penhasco, usando as asas artificiais.

Podemos perceber que essa fábula tem como tema central a importância do desapego. Embora o dinheiro seja considerado essencial para a sobrevivência nas sociedades pós-modernas sendo sinônimo de felicidade, quem o possui em excesso percebe que nem sempre ele é capaz de proporcionar todos os desejos e aspirações humanas. Enquanto a tartaruga não reconhece que o dinheiro não compra dons nem talentos naturais, ela faz desafios sem sentido. Além disso, ela descobre que enquanto carregava um grande peso no casco, que eram seus bens, não tinha possibilidade de voar, de conhecer novos horizontes, de ser livre, estava prisioneira do dinheiro. Quando retirou o dinheiro do casco, sentiu-se mais leve, percebendo que o dinheiro não era capaz de comprar tudo e nem proporcionar a liberdade de voar como os pássaros.

Como vimos, as fábulas apresentam lições valiosas para as crianças. No entanto, devemos considerar que as experiências de aprendizagem das crianças envolvem tempo, pois a realidade das crianças é marcada pelo momento presente. Logo, os educadores devem atentar para o princípio da *continuidade*. Conforme Fochi (2015) a realidade da criança ainda é bastante fragmentada e a possibilidade de continuidade das experiências irá garantir o crescimento e a qualidade das mesmas para as crianças. Não basta apenas o docente preparar um cenário lindo, caprichando nas vozes e entonações da fábula para repassá-la aos pequenos.

É preciso atentar para as condições de tempo, materiais suficientes, espaço e grupo, estabelecendo também hábitos e repetições, pois é na continuidade das experiências que as crianças poderão “compreender, explorar e aprofundar as suas hipóteses afetivas, cognitivas e sociais sobre o mundo” (FOCHI, 2015, p. 226). Assim, fazer com que o gênero textual fábula possa fazer parte do cotidiano das crianças é uma forma de construção do aprendizado e da identidade, já que uma experiência retoma outras adquiridas anteriormente, preparando a criança para receber o novo conhecimento, o que contribui também para a aquisição das experiências futuras.

4.1.2.1.3 “João Preguiçoso”: a moral e a formação da criança

O vídeo narra a história de João Preguiçoso inspirada na obra de Tony Ross com adaptações feitas pela aluna que produziu o vídeo. Sabe-se que a história original foi escrita por Tony Ross, autor inglês, cartunista e designer gráfico, sendo um dos maiores ilustradores de livros infantis da Inglaterra. No entanto, a aluna decidiu criar uma versão mais voltada para o contexto brasileiro, evidenciando o estilo de vida do personagem João associado às cores fortes e a objetos da cultura brasileira. Para contar a história foi utilizando um lindo cenário com plantas em EVA verdes e frondosas e uma toalha de mesa colorida.

A narradora da história é uma simpática boneca de pano, sua voz é dublada pela aluna que gravou o vídeo. A boneca ocupa o papel de dois personagens, o João, que reconhece que está com tanta preguiça que cai no chão duro roncando. Em seguida, a mesma boneca assume outro personagem, o qual repreende a atitude do menino e resolve aconselhá-lo a partir da história de João Preguiçoso. Essa versão conta a história de um menino chamado João, que de tão preguiçoso vivia deitado em uma rede noite e dia. A mãe preocupada ordena que os outros filhos coloquem alimentos na boca do João, pois ele é tão preguiçoso que não tem energia nem para se alimentar.

Certo dia, João é encontrado imóvel na rede, os irmãos pensavam que ele havia falecido e resolveram levá-lo ao cemitério para enterrá-lo. Ao chegar lá, perceberam que o João ainda está vivo, ficando todos aliviados. Um dos irmãos lhe ofereceu uma banana para que ele se alimentasse e ficasse forte, mas o João perguntou se a fruta estava descascada, o irmão diz que ele deve fazer isso, então o menino ignora o alimento, fecha os olhos e morre de uma vez. No final da história, a boneca destaca que foi um caso que lhe contaram e preocupada com a atitude da preguiça diz que está saindo para fazer exercícios. A história, diferentemente da fábula, não apresenta nenhuma moral da história, mas é pensada para que a criança reflita acerca dos perigos e dos transtornos que o *pecado capital* da preguiça pode causar ao indivíduo. William Castilho Pereira (2021, p. 21-66) aprofunda o conceito de pecado ao “sofrimento psíquico, uma doença mental que impede a relação dos sujeitos com as instituições”.

Foto 19: A boneca narradora da história O João Preguiçoso



Fonte: Foto enviada por WhatsApp

Aprofundando-se ao *pecado capital* da preguiça Pereira (2021, p. 215-218) destaca que os primeiros teólogos da Igreja utilizavam a palavra acídia que se refere a um “vazio da alma, um tédio profundo, que compreende a indolência, a apatia e o desinteresse, tendo como significado marcante o apagamento da vitalidade da alma em busca de Deus”. A acídia fazia referência a uma alma triste e melancólica. Com o passar dos anos e com a expansão mercantilista ocorreu uma evolução no conceito e a preguiça passou a ser encarada como um desvio moral, um hábito do “pobre indolente”.

Pereira (2021, p.218) destaca que a preguiça com o tempo foi perpassada através de várias classificações tais como “indolência, desânimo, síndrome de burnout, depressão e por último, discriminações psíquicas, sociais, raciais e econômicas”. Além disso, o autor de questiona se “os deprimidos são preguiçosos”, porque ele sofre duplamente tanto pelo quadro físico e mental dos sintomas como pelo preconceito das instituições, concluindo que “os preguiçosos são todos os condenados da terra” (PEREIRA, 2021, p. 235). Na abordagem do autor podemos perceber que a religião e as instituições fazem suas reflexões acerca da preguiça e ambas a consideram um desvio moral de natureza extremamente negativa, deixando a cargo da psicanálise a abordagem patológica.

O tema da preguiça é trabalhado no vídeo infantil para que a criança tome o conhecimento de seus malefícios a fim de evitá-la. Em uma sociedade do trabalho como a nossa em que a eficiência, autonomia, iniciativa e desenvolvimento do ser humano crítico e

reflexivo são princípios norteadores no processo educacional das crianças, nunca aceitará a preguiça como algo banal, que acomete o indivíduo em alguns momentos da vida. É um mal que precisa ser extirpado para o bem de todos. Na literatura brasileira esse tema aparece na figura de Macunaíma, de Mário de Andrade, em que a preguiça é uma característica marcante do personagem, que além desse defeito é mau caráter e irresponsável.

Personagens como Macunaíma e João possuem a preguiça que para Souza (2001, p.123) representa uma condição fundadora do povo, sendo uma configuração pessimista do retrato do Brasil, além de ser uma intenção do escritor “de realizar a leitura das ‘desgraças do país’ como resposta as vozes conservadoras do discurso da tradição”. Dessa forma, João é a encarnação do preguiçoso que se refere tanto a um atributo negativo do brasileiro, como ao desvio moral e patológico que sempre existiu e perpassa a sociedade atual a partir de novas denominações.

Diante do exposto, muitos educadores têm a preocupação em ensinar repassando valores éticos para as crianças, porém a crítica a um ensino moralizante e tradicional levou o educador dos novos tempos a refletir acerca de metodologias de trabalho que se desprendam da moral conformista do mercado que se firmam nos mitos do progresso e do desenvolvimento econômico, cuja estratégia é adiar a satisfação pessoal dos indivíduos alegando vícios e desvios morais. Ao mesmo tempo, também não podemos esquecer que as crianças menores, que frequentam a Educação Infantil, segundo Piaget (2007), ainda não possuem o pensamento lógico concreto formado, cabendo ao educador colocar um tema moralizante atrelado à educação infantil, pois ambos são indissociáveis.

Nesse sentido, o convívio da criança com a família, a comunidade e a escola irá desempenhar um papel fundamental para a sua formação moral e identitária, pois esses valores ainda não estão formados e necessitam ser trabalhados. Trazendo esses conceitos para o trabalho com o vídeo do João Preguiçoso, caberá ao docente desenvolver estratégias e metodologias que trabalhem a temática da preguiça fazendo com que a criança compreenda até que ponto as necessidades e desejos pessoais podem ser satisfeitos ou encarados como desvio de conduta moral, o qual poderá resultar em uma série de problemas e tensões.

Ao finalizarmos as análises dos vídeos, que foram produzidos como propostas para trabalhar a leitura para crianças na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, percebemos que, durante muitos anos, a presença do livro nas aulas e um cenário colorido eram as únicas estratégias para trabalhar a leitura literária. No entanto, os tempos mudaram e com o ensino remoto os professores tiveram que (re) pensar novas abordagens a partir de recursos diversos que proporcionassem prazer, interesse e aprendizado.

Sempre fomos conduzidos a trabalhar com recorte de obras focando em interpretações óbvias que em nada contribuía para a formação dos pequenos como futuros leitores.

No cenário virtual, tivemos a oportunidade de construir um “novo livro” infantil a partir do livro de papel, um livro que movimenta imagens, possui espaço, tempo corrente, personagens, uma complicação e um desfecho, que a partir da voz de um narrador (a) poderá desenvolver na criança a sensibilidade para torná-la um leitor proficiente no futuro. Sabemos que romper com padrões cristalizados não é uma tarefa fácil, principalmente se a escola ainda não dispõe de recursos tecnológicos suficientes, nem de uma internet que assegure esse aprendizado. No entanto, o papel do educador será trabalhar o texto literário de maneira adequada para que as crianças possam compreender a relevância dessa arte para o seu viver coletivo.

5 CONCLUSÃO

Retomando o objetivo geral, que foi propor alternativas para trabalhar a literatura infantil com crianças da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, no contexto virtual, vimos que a produção dos vídeos baseados em obras literárias e no conhecimento e criatividade das alunas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB mostrou que é possível desenvolver metodologias que contribuam para a formação do imaginário infantil em ambiente virtual utilizando recursos simples e boa vontade. Não podemos negar as dificuldades e desafios que docentes e discentes enfrentaram no ensino remoto, além dos prejuízos sofridos na formação dos futuros professores. Durante as aulas remotas nos deparamos com reclamações, frustrações e impedimentos das mais variadas formas. Muitas vezes assistíamos às aulas com professores desmotivados por não poderem proporcionar aos seus alunos uma formação atrelada com aquilo que eles haviam planejado antes da pandemia, além da preocupação dos discentes por não estarem inseridos em uma prática pedagógica que lhes garantissem os conhecimentos necessários para desempenharem seu ofício apropriadamente em um futuro próximo.

No que se refere à sala de aula de Educação Infantil e séries iniciais do ensino Fundamental, tínhamos no Ensino Presencial uma série de estratégias voltadas para proporcionar às crianças leituras envolventes com o objetivo de despertar o potencial imaginário, a fantasia, a atenção e a criatividade. No entanto, no ensino remoto, as atividades tiveram que ser reinventadas para que pudessem chegar até as crianças, por isso necessitamos desenvolver novas metodologias que estimulassem a participação delas e das famílias em contexto virtual. Para tanto, tivemos que nos desprender dos métodos tradicionais da sala de aula a fim de trazer propostas mais dinâmicas que contribuíssem para a formação de futuros leitores.

Como sabemos, a criança possui suas próprias especificidades, por não ter ainda o domínio da leitura e da escrita, ela necessita ser estimulada com leituras atrativas que auxiliem no desenvolvimento do seu imaginário. Quanto mais cedo a criança tiver contato com a leitura, seja através de livros de papel ou através do uso de tecnologias, mais cedo se tornará um adulto leitor. Mas para que isso ocorra, as estratégias utilizadas pelo docente deverão proporcionar a criança um caráter crítico reflexivo, o que é essencial para a sua formação cognitiva.

Não podemos esquecer que vivemos em uma época em que temos informações em grande quantidade, acesso em larga escala e em tempo real aos mais variados sistemas de

comunicações, mas saber selecionar, filtrar o essencial tem sido uma tarefa complexa. Tudo isso tem nos levado a contemplar o baixo e o efêmero, resultando em experiências insignificantes. Essa insignificância nos induz a loucura e à exasperação mental, é aí que entra a literatura como via de escape para as angústias e aflições da vida cotidiana. E a partir dela, percebemos que precisamos alimentar o nosso imaginário, como professores, e o imaginário das crianças com exemplos mais humanos, sublimes e elevados.

Diante das reclamações e do caos que parecia instalado no ensino remoto, também nos deparamos com professores e alunas que procuraram transcender as dificuldades do momento, buscando a ordem e a constância em meio aos tempos difíceis e remotos. Após contemplarmos cada vídeo percebemos que a produção dos mesmos baseados na literatura infantil, abordados de forma adequada, pode exercer uma função comunicativa do mesmo modo que o livro de papel lido em momentos presenciais. Isso ocorre porque a literatura é capaz de falar à alma humana, sendo então um instrumento sem fronteiras.

As histórias atingem nossos corações porque são feitas a partir de recortes da nossa realidade falando à alma humana aquilo que ela exatamente necessita saber para nutrir seu imaginário. Embora tenhamos construído apenas uma simples proposta de leitura para um ensino virtual a ser trabalhada com crianças, percebemos que, essa pesquisa poderá ser consolidada em um futuro próximo e as experiências aqui relatadas poderão se configurar em propostas para os professores que tiverem acesso a esse conteúdo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Beatriz Veloso. **A menina e a estrela**. São Paulo: Saraiva, 2012.

ARAÚJO, Alcione Lino de; FAHD, Plínio Gonçalves. Perspectivas para o retorno das aulas presenciais. In: JÚNIOR, Francisco Pessoa de Paiva. (Org.). **Ensino Remoto em Debate**. 1 ed. Belém: RFP Editora, 2020.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

BRASIL, Ministério da Educação. **Portaria 343/2020**

BRASIL, Ministerio da Educação. **Decreto 9057/2017**

BRASIL, Planalto. **Lei 13.979/2020**

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. FOCHI, Paulo Sérgio. O muro serve para separar os grandes dos pequenos: narrativas para pensar uma pedagogia do cotidiano na educação infantil. In: **Textura Periódicos**.v. 18 n. 36, jan/abr.2016.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da (Org.). O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso a educação. In: **Revista Com Censo**. v.7, n. 3, agosto de 2020.

FARIAS, Marlon Pereira. O professor no ensino remoto e suas novas atribuições. In: JÚNIOR, Francisco Pessoa de Paiva. (Org.). **Ensino Remoto em Debate**. 1 ed. Belém: RFP Editora, 2020.

FOCHI, Paulo Sérgio. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. In: **Campos de experiência na escola da Educação Infantil: contribuições italianas para inventar um currículo de Educação Infantil Brasileiro**. FINCO, Daniela (Org.). Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015.

HIRATUKA, Lúcia. **Um chá na casa de dona Lalá**. São Paulo: Editora Scipione, 1988.

JUNG, Carl Gustav. **A psicologia do Inconsciente**. Tradução de Maria Luisa Appy. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

JÚNIOR, Francisco Pessoa de Paiva. As pesquisas recentes sobre o ensino remoto. In: JÚNIOR, Francisco Pessoa de Paiva. (Org.). **Ensino Remoto em Debate**. 1 ed. Belém: RFP Editora, 2020.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura- Teoria e Prática**. 15. ed. Campinas Pontes Editores, 2013

LEITE, Francisco Rokes Souza; LEITE, Emanuelle Santiago Monteiro. O ensino remoto e educação a distância: teorias e práticas pedagógicas durante a pandemia da covid-19. In: JÚNIOR, Francisco Pessoa de Paiva. (Org.). **Ensino Remoto em Debate**. 1 ed. Belém: RFP Editora, 2020.

MARTINS FILHO, ALTINO JOSÉ. Sobre a infância e sua educação: especificidade da docência na educação infantil. In: **Educação Infantil: especificidades na docência**. Florianópolis: UDESC, 2013.

MONTEIRO, Edna Câmara; SILVA, Sarah Suely; MEDEIROS, Maria Aparecida Fernandes. Literatura infantil: desafios pedagógicos em tempo de pandemia e tecnologia em uma escola da rede municipal de Campina Grande. In: **Anais do VII Conedu: educação como (re) existência, mudanças, conscientização e conhecimentos**. Maceió. Outubro. 2020.

MORAES, Luana Celina Lemos de. Normas aplicáveis ao ensino remoto: uma análise das portarias nº 343 e 345 do Ministério da Educação à luz do direito Brasileiro. In: JÚNIOR, Francisco Pessoa de Paiva. (Org.). **Ensino Remoto em Debate**. 1 ed. Belém: RFP Editora, 2020.

MOURA, Sebastião Rodrigues. Por entre a realidade e as possibilidades narradas por professores em formação: em tela, o ensino remoto em tempos de pandemia. In: JÚNIOR, Francisco Pessoa de Paiva. (Org.). **Ensino Remoto em Debate**. 1 ed. Belém: RFP Editora, 2020.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Os sete pecados capitais à luz da psicanálise**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Tradução de Álvaro Cabral. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017

SILVA, Vanessa Galvani da; LOPES, Adriana Ester; OLIVEIRA, Marcela Crepaldi de. Fábulas: valor educativo e cultural. In: **RELVA**, Juara/MT/Brasil, v.5 , n.1, p. 153-166, jan./jun.2018.

SILVA, Adriana dos Réis; PAULINELLI, Maysa de Pádua Teixeira. Leitura, literatura infantil e formação do leitor: reflexões teóricas e práticas para a sala de aula. In: **Anais do XII Jogo do Livro e II Seminário Latino-Americano: Palavras em Deriva**, Belo Horizonte, 2018.

SOUZA, Eneida Maria de. Ai! Que preguiça!. In: TRANCOSO, Alfeu (Org.). **Os sete pecados capitais**. Belo Horizonte: Autêntica: PUC Minas, 2001.

TANCREDI, Silva. “Vinicius de Moraes”; Brasil Escola. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/vinicius-moraes.htm>. Acesso em 30 de maio de 2021.

ZILBERMAN, Regina. Sim, a literatura educa. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA Ezequiel Teodoro da. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto**. 2.ed. Global Editora, 2008

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola**. 5. ed. São Paulo: Global, 1995

[www.http://https://pt.wikipedia.org/wiki/Binaural](http://https://pt.wikipedia.org/wiki/Binaural). Acesso em 17 de maio de 2021.